

LUÍSA BASTOS GOMES

**CRIATIVIDADE E RESILIÊNCIA: RELAÇÕES ENTRE
CONSTRUTOS?**

PUC- CAMPINAS

2018

LUÍSA BASTOS GOMES

**CRIATIVIDADE E RESILIÊNCIA: RELAÇÕES ENTRE
CONSTRUTOS?**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Psicologia do Centro de Ciências da Vida – PUC-Campinas, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Psicologia como Profissão e Ciência.

Orientadora: Profa. Dra. Tatiana de Cássia Nakano

PUC- CAMPINAS

2018

Ficha catalográfica elaborada por Marluce Barbosa – CRB 8/7313
Sistema de Bibliotecas e Informação - SBI - PUC-Campinas

t153.35
G633c

Gomes, Luísa Bastos.

Criatividade e resiliência: relação entre construtos? / Luísa Bastos
Gomes. - Campinas: PUC-Campinas, 2018.
105 f.

Orientadora: Tatiana de Cássia Nakano Primi.
Dissertação (mestrado) - Pontifícia Universidade Católica de
Campinas, Centro de Ciências da Vida, Pós-Graduação em Psicologia.
Inclui anexo e bibliografia.

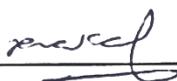
1. Testes psicológicos. 2. Psicologia - Avaliação. 3. Psicologia
positiva. 4. Psicologia - Métodos estatísticos. I. Primi, Tatiana de Cássia
Nakano. II. Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Centro de
Ciências da Vida. Pós-Graduação em Psicologia. III. Título.

CDD 22. Ed. - t153.35

LUÍSA BASTOS GOMES

**CRIATIVIDADE E RESILIÊNCIA: RELAÇÕES ENTRE
CONSTRUTOS?**

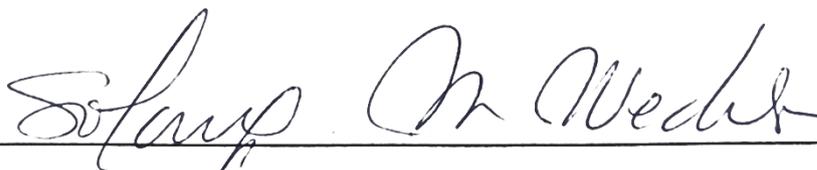
BANCA EXAMINADORA



Presidente Prof(a). Dr(a). Tatiana de Cássia Nakano



Prof(a). Dr(a). Ana Paula Porto Noronha



Prof(a). Dr(a). Solange Muglia Wechsler

PUC- CAMPINAS

2018

DEDICATÓRIA

À minha avó, Luzia Gomes Lacerda, meu alicerce.

Em memória à Pedro Gomes Filho e Ines Maria Pinto Bastos Gomes.

O amor que carrego de vocês é meu maior fator de proteção.

AGRADECIMENTOS

Este trabalho foi finalizado graças às pessoas que tive ao meu lado que sempre me apoiaram. Devo admitir que durante todo o meu percurso no mestrado, constantemente pensei nas pessoas diretamente ou indiretamente que me ajudaram neste processo. Dizem que somos a soma das pessoas que passaram por nossas vidas, e é com muita alegria e gratidão que aqui escrevo as que influenciaram este projeto.

Primeiramente, gostaria de fazer um agradecimento especial a minha orientadora Profa. Dra. Tatiana de Cassia Nakano. Tati, tantos anos de convivência com sua pessoa, te conheci na metade do curso de psicologia e desde então você com tanta humildade, me acolheu de tantas formas. Durante esses cinco anos, passei por tantos lutos e mudanças, mas você sempre esteve lá, oferecendo sua amizade, carinho e momentos de descontração. Não consigo expressar o quanto importante foi sua presença em minha vida, você foi um dos eixos que me seguraram. Obrigada por acreditar em mim, por acolher essa menina que em muitos momentos se sentia perdida, e que você ajudou a organizar os pensamentos ansiosos e desesperados. Obrigada por me acolher de tantas formas, como aluna, como mestranda, como amiga. Sem você esse sonho não seria possível.

Também gostaria de agradecer a professora Solange Wechsler e a professora Ana Paula Noronha, que formaram a banca de qualificação e contribuíram com este trabalho. Agradeço também aos professores Wagner de Lara Machado e Letícia Dellazzana, com os quais aprendi tanto nas aulas da pós-graduação e levo com carinho em minha vida.

Um agradecimento especial ao meu querido grupo de pesquisa, que com tantos anos de convivência, se tornou uma família para mim. Agradeço às minhas amigas queridas Priscilla Zaia e Karina Oliveira, o amor e carinho que tenho por vocês é imensurável. Obrigada por serem minhas irmãs mais velhas durante esses anos, sempre oferecendo um colo nos momentos de angústia e sempre compartilhando suas experiências. A Gabriela Spadari, companheira pela qual

sempre esteve lá por mim, amiga em todos os momentos. Aos colegas e amigos queridos do nosso grupo Gisele Maria Silva, Carolina Campos, Talita Silva, Evandro Peixoto, Rauni Alves, Cleber Sena e Allan Oliveira. Nossos momentos de orientação foram muito importantes (e divertidos) para mim.

Também gostaria de agradecer as minhas amigas companheiras nesta luta e finalização de mestrado: Sofia Bonfatti, Isabel Abreu, Chaiellen Barboza, Jéssica Gobbo, Silvana Nader e Aline Boschi Neves. Vencemos, meninas! Que orgulho que tenho de todas!

A Luísa Roselli, amiga, irmã e companheira nesta jornada. Obrigada por acreditar em mim e estar comigo nos momentos mais difíceis deste percurso. Aos meus amigos queridos Leticia Magalhães, Ana Carolina Haddad, Amanda Proost, Stela Junqueira, Helena Amaral, Juliana Hilkner, Paula Caride Beiler, Julia Freitas, Maria Angélica Gonçalves, Deborah Goedhart, Ará Kedikian e por fim Fernando Casanova, companheiro amoroso que me revitaliza. Tenho muito amor por todos vocês.

Aos meus avós Maria Ines e Waldyr, meus irmãos Mariana Bueno e Pedro Bueno e meu sobrinho Jasper Bueno Rosenthal, agradeço todo o amor.

Agradeço ao Coral da Puc-Campinas, uma segunda família que durante minha formação permitiu a expressão do meu potencial.

Agradeço também a Faculdade Psicologia da Puc-Campinas e o Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Puc-Campinas, de onde constitui minha formação e prática como psicóloga.

Por fim, agradeço a Cnpq pela bolsa concedida para a realização deste projeto.

“Todos nós mudamos. Se você pensar bem sobre isso, somos pessoas diferentes durante toda a nossa vida, e isso é bom. Você tem que mudar, manter-se em movimento; desde que você se lembre de todas as pessoas que costumava ser. Eu não vou esquecer uma linha disto. Nem um dia, eu juro” - Doctor Who

RESUMO

Gomes, L.B. *Criatividade e Resiliência: Relações entre construtos?* 2018. 107F. Dissertação (Mestrado em Psicologia como Profissão e Ciência) – Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Centro de Ciências da Vida, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Campinas, 2018.

Considerando a criatividade e a resiliência como importantes características pessoais relatadas na literatura científica, especialmente dentro do movimento da Psicologia Positiva, essa pesquisa tem como objetivo realizar estudos que investiguem a relação entre os dois construtos. Foram realizados dois estudos psicométricos, ambos envolvendo a busca por evidências de validade com base na relação com variáveis externas, do tipo convergente. O primeiro estudo utilizou o instrumento Estilos de Pensar e Criar com o teste Escalas Pilares de Resiliência em uma amostra de 134 sujeitos, sendo que 64% (n=86) dos participantes eram do sexo feminino, com idade entre 18 e 65 anos (M = 32,27 e DP = 11,75). Os resultados apontaram correlações positivas e significativas entre todas os pilares de resiliência e o estilo Inconformista-Transformador, assim como correlações negativas de grande parte dos pilares de resiliência com o estilo Cauteloso-Reflexivo. O segundo estudo utilizou novamente o instrumento Escala de Pilares de Resiliência e o Teste Pensando Criativamente com Palavras de Torrance em uma amostra de 101 sujeitos, sendo que 66% (n=67) eram do sexo feminino, com idade entre 18 e 65 anos (M = 28,83 e DP = 11,63). Não foram encontradas correlações significativas entre as medidas criativas proporcionadas pelo Torrance e os pilares de resiliência. Discute-se as possíveis relações entre as diferenças encontradas quando se faz uso de medida qualitativa e quantitativa da criatividade na sua relação com a resiliência. Por fim, sugere-se novos estudos com outros instrumentos que avaliem a resiliência a partir de outros modelos.

Palavras-chave: Avaliação Psicológica; Evidências de Validade; Psicologia Positiva

ABSTRACT

Gomes, L.B. *Creativity and Resilience: Similarities between constructs?* 2018. 107F. Dissertation (Masters in Psychology as Profession and Science) - Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Centro de Ciências da Vida, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Campinas, 2018.

Considering creativity and resilience as important personal characteristics reported in the scientific literature, especially in the Positive Psychology movement, this research carries out studies focusing on the relationship between the two constructs by applying validated instrument to adults. Two psychometric studies were carried out, both involving the search for evidence of validity based on relationship with external variables, precisely the convergent type. The first study used the instrument Creative and Thinking Styles (2003) with the Pillars of Resiliency Scales test (Cardoso & Martins, 2013) in a sample of 134 subjects, with 64% (n = 86) of female participants, aged between 18 and 65 years (M = 32.27 and DP = 11.75). The second study used once more Pillars of Resiliency Scales test (2013) and the test Thinking Creatively with Words-Torrance Tests (Wechsler, 2006) in a sample of 101 subjects, with 66% (n = 67) of female participants, between the ages of 18 and 65 years old. The results of the study 1 showed positive and significant correlations between all the pillars of resiliency and the Nonconformist-Transformer Style, as well as negative correlations in the majority of the pillars of resiliency with the Cautious-Reflective Style. In study 2, no significant correlations were displayed between the creative measures offered by Torrance and the pillars of resiliency. We discuss the possible relationship found in results between qualitative and quantitative measures of creativity and its affinity with resilience, and finally, we suggest further studies should be conducted with other instruments that assess other resiliency models.

Keywords: Psychological Assessment, Validity Evidence, Positive Psychology

SUMÁRIO

JUSTIFICATIVA	11
PSICOLOGIA POSITIVA	14
RESILIÊNCIA	17
Avaliação da Resiliência	25
CRIATIVIDADE	29
Avaliação da Criatividade	34
RELAÇÕES ENTRE CRIATIVIDADE E RESILIÊNCIA	39
OBJETIVOS	50
MÉTODO E RESULTADOS	51
ESTUDO 1: Evidências de validade baseadas nas relações com variáveis externas – <i>Escala Pilares de Resiliência e Escala Estilos de Pensar e Criar</i>	51
Participantes	51
Instrumentos	52
Procedimentos	56
Resultados	56
Discussão	59
ESTUDO 2: Evidências de validade baseadas nas relações com variáveis externas - <i>Escala Pilares de Resiliência e Teste Pensando Criativamente com Palavras</i>	70
Participantes	70
Instrumentos	70
Procedimentos	72
Resultados	73
Discussão	76
CONSIDERAÇÕES FINAIS	78
REFERÊNCIAS	81
ANEXOS	99
Anexo 1. Carta de autorização	100
Anexo 2. Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	102
Anexo 3. Parecer do Comitê de Ética em Pesquisa	104

JUSTIFICATIVA

O movimento denominado Psicologia Positiva tem, ao longo das últimas décadas, se consolidado enquanto proposta de valorização dos aspectos positivos individuais nos processos de atuação profissional e de pesquisa (Yunes, 2011). Dentro dele, é possível observar o esforço de profissionais na construção de conhecimento voltado aos fenômenos positivos, indicativos de “vida saudável”, relacionados diretamente aos sistemas de adaptação ao longo do desenvolvimento (Masten, 2014). Tal concepção envolve a valorização das potencialidades, por meio da promoção de capacidades, talentos e recursos próprios do indivíduo (Seligman & Csikszentmihalyi, 2000), em oposição à atenção que, durante muito tempo, foi dada aos riscos à saúde física e mental das pessoas, no sentido de prevenção contra as enfermidades (Fiorentino, 2008). Mais recentemente, a literatura científica tem ressaltado a necessidade de investimentos voltados à investigação e desenvolvimento de recursos pessoais para o fortalecimento e/ou enfrentamento de crises individuais ou grupais. Consideradas mecanismos favoráveis ao desenvolvimento sadio do indivíduo dentro das ideias defendidas pela Psicologia Positiva, as temáticas da criatividade e resiliência têm se destacado (Oliveira & Nakano, 2014).

Definida como o processo de recuperar-se para superar a adversidade (Rutter, 2012), a resiliência tem possibilitado que, pessoas expostas a riscos e adversidades, consigam superar desafios e alcançar resultados inesperados, como a superação ou um avanço no crescimento pessoal. Dada sua relevância, a investigação desse construto tem se mostrado essencial, não só visando a construção de um corpo teórico acerca dos aspectos que se mostram importantes para o desenvolvimento do indivíduo, mas também visando que tal conhecimento permita, futuramente, a elaboração de projetos e programas voltados à recuperação de pessoas em situações de adversidade (Oliveira & Nakano, 2011).

De modo similar, a criatividade também tem se destacado dentro da Psicologia Positiva, visualizada como um dos aspectos passíveis de promover o bem-estar individual, profissional

e social (Krentzman, 2013). Esse construto multidimensional tem sido estudado sob diferentes perspectivas, marcado, notadamente, por componentes relacionados à pessoa, produto, processo e ambiente criativo. Definida como um processo no qual o indivíduo identifica dificuldades, formula hipóteses, testa resultados e passa a perceber as falhas, a criatividade vem sendo concebida como um recurso a ser estimulado e desenvolvido em todos os contextos (Nakano, Wechsler, Campos & Milian, 2015).

Tomados como construtos importantes na atualidade, tais temáticas, separadamente, vêm recebendo bastante atenção por parte do meio científico (Nakano & Wechsler, 2007; Oliveira, Reis, Zanelato & Neme, 2008). No entanto, uma carência de estudos que investiguem, simultaneamente, os dois temas, ainda se faz presente (Oliveira & Nakano, 2011). De acordo com Oliveira e Nakano (2014), a relação que pode ser estabelecida entre recursos resilientes e características criativas mostra-se de grande valia para a construção de um conhecimento que garanta aos profissionais, das mais diferentes áreas, um embasamento para a elaboração de projetos e programas orientados para a recuperação da saúde, da dignidade e de outros aspectos positivos de milhares de pessoas que sofrem com situações de adversidade. Isso porque a associação de criatividade com a resiliência, poderia constituir-se em um recurso que permitiria encontrar respostas mais eficazes e soluções mais adaptativas na presença de um ambiente desfavorável (Lubart, 2007), bem como contribuir para um melhor ajuste global (Luthar, 2006), atuando como importante fator de proteção (Firestone, 2013; Lynch, Sloane, Sinclair, & Bassett, 2013; Metzel, 2007; Metzel & Morrell, 2008; Morelato, Carrada & Ison, 2013; Wolin & Wolin, 1993).

Diante desse quadro, o estudo aqui apresentado pretende contribuir para o campo de conhecimento a respeito da resiliência, assim como da criatividade, através da avaliação da influência que esta última característica pode desempenhar na capacidade humana de lidar com a adversidade. Tem, como propósito verificar como os dois construtos, considerados enquanto

modelos multidimensionais se relacionam. Desse modo, espera-se que o estudo aprofundado das relações entre criatividade e resiliência possa contribuir para a ciência e para a Psicologia, notadamente se considerarmos que poucos são os trabalhos que unem as duas temáticas na busca por uma vida mais saudável (Oliveira & Nakano, 2011), dentro da tendência mais recente da Psicologia Positiva.

Para isso, o trabalho foi organizado em capítulos. O primeiro deles aborda a temática da Psicologia Positiva, seu percurso histórico, foco, relevância e construtos englobados nesse movimento. O segundo capítulo trata da Resiliência, sua origem, compreensões, debates em relação ao conceito, características envolvidas no construto e sua avaliação. O capítulo três aborda questões sobre Criatividade, sua definição, histórico, importância, características, categorias e sua avaliação. Em seguida, a relação entre criatividade e resiliência é apresentada, no capítulo quatro, bem como uma revisão das pesquisas na temática.

O trabalho segue com a apresentação dos objetivos (gerais e específicos), hipóteses a serem investigadas e o método, composto pelo Estudo 1 (relação entre um instrumento de avaliação da resiliência e uma escala de estilos de pensar e criar) e Estudo 2 (relação entre um instrumento de avaliação da resiliência e um teste verbal de criatividade), seguidos de suas respectivas discussões. Por fim, as considerações finais são apresentadas, bem como as referências utilizadas no trabalho.

PSICOLOGIA POSITIVA

Durante um longo período, o foco das contribuições da Psicologia baseou-se no estudo, compreensão e tratamento do ser humano a partir das psicopatologias (Seligman & Csikszentmihalyi, 2000). Averiguando os fatores contextuais na história da origem da Psicologia como ciência, justifica-se a apresentação desses dados. Duas guerras mundiais foram importantes para a consolidação de algumas vertentes da Psicologia enquanto ciência, cujos finais deram origem a uma demanda imensa para tratar os veteranos que voltavam para casa. Assim, tal ciência focou-se no modelo da doença, em pesquisas e atendimentos clínicos que buscavam reparar os danos e prejuízos provocados pelas patologias (transtornos mentais). Isso por um lado propiciou o fortalecimento e o aperfeiçoamento das diversas linhas de terapias e tratamentos, porém enfraqueceu a investigação sobre os aspectos virtuosos dos seres humanos (Scorsolini-Comin & Santos, 2010; Seligman & Csikszentmihalyi, 2000). Desta forma, o foco da ciência psicológica na doença acabou negligenciando, durante muitas décadas, os aspectos positivos no indivíduo, incluindo recursos internos como bem-estar, esperança, prosperidade, satisfação, otimismo e felicidade, sem estudar os benefícios que estes trazem às pessoas (Paludo & Koller, 2011; Yunes, 2011).

Diante desse quadro, diversos autores que pesquisavam os aspectos potencialmente saudáveis deram origem ao movimento intitulado Psicologia Positiva (Seligman & Csikszentmihalyi, 2000), cuja proposta ampara-se no estudo científico das experiências positivas e traços individuais positivos, juntamente com as instituições que facilitam o seu desenvolvimento (Duckworth, Steen, & Seligman, 2005). Ao propor um enfoque mais próximo de um exercício teórico metodológico no sentido de mudar a visão que se têm dos fenômenos investigados pela Psicologia, esta teoria chamou a atenção de grande parte da comunidade científica para o lado positivo do desenvolvimento humano (Cohen, Swerdlik & Sturman, 2014; Scorsolini-Comin & Santos, 2010).

O movimento da Psicologia Positiva aborda a busca do potencial do sujeito, estudando seus sentimentos, emoções e comportamentos positivos com o objetivo final de auxiliar no processo da felicidade humana (Seligman 2004, 2011). Agregam-se estudos sobre experiências positivas (como emoções positivas, felicidade, esperança e alegria), características positivas individuais (como forças de caráter e virtudes) e instituições positivas (como organizações baseadas no sucesso e potencial humano, sejam locais de trabalho, escolas, famílias, hospitais ou comunidades) (Calvetti, Muller & Nunes, 2007; Scorsolini-Comin & Santos, 2010). Essa proposta teórica pretende criar métodos preventivos por meio do conhecimento dos fatores protetivos, aperfeiçoar técnicas de avaliação psicológica para identificação das virtudes e dos aspectos positivos e ampliar o escopo de estudo das Ciências Sociais e Humanas (Paludo & Koller, 2011).

Tal movimento apresenta também uma visão voltada à preservação destas qualidades para que sejam cultivadas como fatores de proteção contra conflitos psicológicos, aprimorando abordagens de enfrentamento específicos e gerando uma maior eficácia de técnicas e tratamentos psicológicos tradicionais. Para os pesquisadores inseridos no movimento, o maior progresso na prevenção vem de uma perspectiva que gira em torno do desenvolvimento sistemático das competências pessoais (Bastianello & Hutz, 2015; Bastianello, Pacico & Hutz, 2014).

A atuação da psicologia positiva no sentido de trabalhar as potencialidades do sujeito, justifica a importância de se trabalhar os aspectos positivos, não somente no sujeito, mas ampliando na própria prática da Psicologia, com uma visão mais 'otimista' e positiva dos fenômenos. Enxergar a partir deste ponto de vista gera também diversos possíveis espaços de intervenções na profissão dos psicólogos. As contribuições trazidas por essa abordagem originam descobertas de novos conhecimentos para auxiliar no fortalecimento de indivíduos, permitindo a prevenção de patologias que surgem das condições de vida adversas, de forma a

proporcionar uma melhora na qualidade de vida (Oliveira & Nakano, 2011; Paludo & Koller, 2011; Scorsolini-Comin & Santos, 2010).

Dentro desse movimento, encontram-se vários enfoques e olhares sobre distintas capacidades e constructos que se enquadram como objeto de estudo do movimento, alguns deles apresentados como: felicidade, bem-estar subjetivo, motivação, autoestima, auto eficácia, otimismo, esperança, espiritualidade, sabedoria, afetos, satisfação, inteligência, criatividade, coping, resiliência, *mindfulness*, *flow*, dentre outros (Yunes & Szymanski, 2001). No presente trabalho, o foco recairá sobre dois desses construtos: a resiliência e a criatividade, bem como sua relação, aprofundados a seguir.

RESILIÊNCIA

Os estudos em resiliência são apresentados como fundamentais para a área da psicologia, tendo em vista sua capacidade de nos levar a refletir sobre aspectos positivos do desenvolvimento humano (Coimbra & Morais, 2015; Dell’Aglío, Koller & Yunes, 2011; Poletto & Koller, 2008), quando indivíduos superam períodos em que encontram-se expostos a adversidades significativas, capazes de colocar em risco a integridade física e psíquica deles. A resiliência frente às adversidades exemplifica uma adaptação inesperada e representa um grande desafio para os pesquisadores (Masten, 2001, 2007, 2014).

Tendo em vista a amplitude e as diferentes possibilidades associadas à resiliência, faz-se necessário retomar, brevemente, a origem do termo, suas definições e conceitos. Desta forma cabe apontar que a palavra resiliência deriva do latim “*resilientia*”, composta pelo verbo “*salire*” que significa “pular” e o prefixo “*re-*” que confere a noção de “para trás”, apresentando, portanto, um significado etimológico de “saltar para trás” (Pinheiro, 2004). Em língua portuguesa, a palavra foi transposta do inglês “*resilience*” ou “*resiliency*”, a qual é descrita como “*bounce back*” no sentido de recuperar-se, e “*an ability to recover from or adjust easily to change*”, como uma habilidade de recuperar-se ou ajustar-se com facilidade diante de alguma mudança (Merriam-Webster, 2011). Ainda que não exista consenso a respeito da apropriação do termo para as Ciências Humanas, alguns autores afirmam que o conceito foi emprestado da Física. Nesta ciência, resiliência refere-se à propriedade, da qual, alguns materiais são dotados, que os capacitam a acumular energia quando exigidos ou submetidos a estresse, voltando em seguida ao seu estado original, sem qualquer deformação - como um elástico (Masten, 2001, 2007, 2014).

Do ponto de vista das possibilidades de conceituação, nota-se que atualmente, existem inúmeras definições de resiliência no campo das ciências humanas, sendo que o conceito ainda se mostra em construção e debate (Brandão, Mahfoud & Giardonoli-Nascimento, 2011;

Cicchetti & Curtis, 2007; Infante, 2005; Masten & Cicchetti, 2010; Mukherjee & Kumar, 2017; Poletto & Koller, 2011; Rutter, 2006, Ungar, 2012). Há inúmeras implicações metodológicas decorrentes desta variabilidade conceitual, de modo que há limitações que se apresentam como desafios a serem superados em âmbitos referentes à pesquisa e à prática da resiliência, que incluem não somente a definição, mas também a medição e a interpretação (Prince-Embury, 2013).

Nota-se que as primeiras pesquisas consideradas significativas relacionadas ao conceito de resiliência foram realizadas no início dos anos de 1970 (Luthar, 2006; Masten, 2001, 2007, 2014; Rutter, 2006, 2012). Segundo Pizzo (2015), a primeira vez que a palavra resiliência foi utilizada em língua inglesa, foi em um poema chamado “*On the nature of things*” de Lucretius. Originalmente, o termo foi utilizado para designar a capacidade de resistir, enfrentar e superar com sucesso as situações adversas (Assis, Pesce & Avanci, 2006; Cicchetti, 2007; Melillo, 2005; Pinheiro, 2004; Poletto & Koller, 2011; Reppold, Mayer, Almeida & Hutz, 2012, Yunes, 2011; Yunes & Szymanski, 2001).

Brandão (2009) argumenta que o termo/conceito de resiliência usado pela psicologia foi transposto de maneira imprecisa, e apresenta visões sobre o tema que nasceram a partir de diferentes perspectivas (correntes norte-americana, europeia e latino-americana). A corrente norte-americana seria pragmática, centrada no indivíduo, avaliando a resiliência por meio de dados observáveis e quantificáveis, habitualmente conta com um enfoque behaviorista ou ecológico-transacional, sendo que a resiliência nasce como produto da interação entre o sujeito e o meio em que está inserido. A europeia teria uma perspectiva ética, relativista, com um enfoque usualmente psicanalítico, adotando a visão do sujeito como central para a avaliação da resiliência, de forma que a dinâmica psicológica do sujeito como resposta às adversidades transcende os fatores do meio. Já a corrente latino-americana tem uma abordagem mais comunitária, enfocando o social como resposta aos problemas do sujeito em meio às

adversidades (Barlach, 2005; Brandão, Mahfoud & Giardonoli-Nascimento, 2011; Fantova, 2008; Ojeda, 2004). Neste trabalho, retomaremos a literatura com os estudos iniciais da corrente norte-americana para então chegar no contexto da América-latina, mais especificamente às pesquisas feitas no Brasil. Articula-se, desta forma, considerando que os estudos iniciais no país se embasaram na literatura anglo-saxônica, para depois consolidar-se e adaptar-se ao contexto brasileiro, e então seguir diversas correntes.

Nos estudos iniciais sobre a temática na corrente norte-americana, a resiliência foi apontada como característica individual, de personalidade ou ainda, como traço de temperamento. Teóricos como Bowlby (1990), autor da teoria do apego, descrevem a resiliência como característica de personalidade que pode aparecer diante de condições adversas, sendo conferidas às primeiras experiências da criança com a mãe, o pai e outros. Quando essas experiências são positivas, contribuem para a formação de personalidades saudáveis, resistentes às situações adversas, ou seja, resilientes (Trombeta, 2000; Trombeta & Guzzo, 2002; Wolin & Wolin, 1993).

Na evolução dos estudos sobre resiliência, a compreensão do conceito foi mudando. A partir dos anos 1970, pesquisadores norte-americanos procuraram distinguir os indivíduos que se adaptavam positivamente dos que não se adaptavam frente a fatores de riscos, empregando frequentemente o termo “invulnerabilidade” (Luthar, 2007; Luthar & Zelazo, 2003; Masten, 2001, 2014; Rutter, 2006). Nesta busca, identificavam-se fatores de risco e adversidades que o sujeito era capaz de superar, abrindo espaço para a concepção de modelos com o intuito de organizar e encontrar fatores resilientes e de risco em três grupos: os atributos individuais, os aspectos da família e as características dos ambientes sociais das quais as pessoas pertencem (Brandão, Mahfoud & Giardonoli-Nascimento, 2011; Infante, 2005; Trombeta & Guzzo, 2002). O impacto desses estudos relacionados à identificação de características resilientes

geraram, nos anos seguintes, a construção de programas de prevenção e intervenção em indivíduos que se encontravam expostos à riscos (Sapienza & Pedromônico, 2005).

Alguns anos depois, a geração seguinte de pesquisadores começou a trabalhar uma outra vertente, de modo que nos anos 1990, os pesquisadores questionavam quais seriam os processos que estariam associados a uma adaptação positiva diante de adversidade (Luthar, 2003, 2007; Masten, 2001, 2014). Para estes autores, a resiliência seria vista como um processo dinâmico no qual as influências do ambiente e do indivíduo interagem entre si, permitindo a adaptação do sujeito, apesar da adversidade (Bonanno & Diminich, 2013; Infante, 2005; Ungar, 2012).

A noção de processo, neste sentido, evolve uma dinâmica intrincada entre múltiplos níveis de fatores de risco e de resiliência, permitindo ao indivíduo lidar satisfatoriamente com a adversidade (Assis, Pesce & Avanci, 2006; Luthar, 2003, 2007; Masten, 2001; Yunes, 2011). Alguns autores vêem a resiliência como um processo, e argumentam que a mesma vai além da habilidade psicológica de um indivíduo, envolvendo a capacidade de utilizar sistemas de suporte para enfrentar situações adversas (Carvalho, Teodoro & Borges, 2014). Muitos se embasam no modelo de sistemas ecológico-transacional de resiliência, que tem suas raízes no modelo ecológico de Bronfenbrenner (1981). Esta perspectiva estuda o desenvolvimento do indivíduo, o qual seria influenciado diretamente pela ecologia que está inserido, determinado por diferentes níveis: individual, familiar, comunitário e cultural. A compreensão da interação destes processos dinâmicos em diferentes níveis do modelo ecológico geraria um maior entendimento do processo da resiliência (Germano & Colaço, 2012; Narvaz & Koller, 2004). Assim, além do foco no indivíduo, os pesquisadores voltaram-se também para os estudos com a família e a interação do sujeito com o meio e instituições (Libório, Castro & Coelho, 2011; Poletto & Koller, 2011). Consequentemente, o desafio dessa geração de pesquisadores seria a identificação dos processos de base da adaptação resiliente, permitindo, posteriormente, em

um segundo momento, a criação de estratégias de promoção da resiliência de forma efetiva em programas e intervenções com enfoque social (Godoy *et al.*, 2010; Infante, 2005; Poletto & Koller, 2011; Ungar, 2012; Yunes, 2011).

Desta forma, observa-se que as teorias que envolvem a resiliência evoluíram desde o seu surgimento, passando por diversos enfoques e questionamentos levantados pelos pesquisadores, de modo que é possível notar um constante refinamento do termo. Assim, retomando, pode-se afirmar que a primeira onda de pesquisadores buscou apropriar-se do conceito por meio da identificação fenomenológica de recursos que embasam o desenvolvimento do sujeito e fatores de proteção. A segunda onda descreveu a resiliência como um processo de reintegração, estudando como se constituem as qualidades resilientes adquiridas. Atualmente, segundo Masten (2014) há uma terceira e uma quarta ondas que buscam uma visão pós-moderna e multidisciplinar do conceito. A terceira exemplifica que a resiliência seria uma força comum que move a pessoa a crescer, transpondo a adversidade; enquanto a quarta onda de pesquisadores reflete a expansão da dessa ciência, buscando compreender a resiliência a partir de múltiplos níveis de análises, englobando diferentes sistemas como aspectos genéticos, neurológicos, traços, relações interpessoais, sociais, comunitárias e globais; entendendo como diferentes sistemas contribuem no processo de resiliência (Brandão, Mahfoud & Giardonoli-Nascimento, 2011; Masten, 2007; 2014; Richardson, 2002, 2017).

Seguindo o espectro pós-moderno e multidisciplinar de resiliência, estudos emergentes englobam a visão de que a resiliência seria considerada um processo comum a todos, e que na maioria das vezes surge das funções normativas do sistema de adaptação do ser humano, sendo que os maiores riscos ao desenvolvimento humano seriam aqueles que comprometem os recursos de proteção do indivíduo (Kumar, 2017; Masten, 2001, 2014; Richardson, 2017; Ungar, 2012). Dessa forma, a compreensão da resiliência ao longo dos anos se transformou,

indo de uma noção inicial de poucos indivíduos com características que resultam uma resistência absoluta ao risco, para uma ideia de resistência relativa, presente entre as pessoas, cujas bases variam de acordo com as circunstâncias e a época de vida, sendo tanto constitucionais como ambientais (Santos & Dell'Agglio, 2006).

Para que se identifique a concepção adotada de resiliência (como traço ou processo) na bibliografia internacional, pesquisadores contemporâneos insistem que se deixe claro a visão sobre o tema, propondo na literatura, em inglês, que se utilize a palavra “*resilience*” para nomear a concepção da resiliência como processo e “*resiliency*” associada a características de personalidade (Brandão, 2009; Luthar & Zelazo 2003; Prince-Embury, 2007). Assim, de modo geral, ainda que o termo resiliência se encontre em fase de construção, uma consonância surge nos estudos analisados deste fenômeno, de forma que alguns autores sugerem fortemente estar atrelada à capacidade humana de superar, recuperar e adaptar-se frente à adversidade de maneira positiva pode ser percebido (Barlach, 2005; Junqueira & Deslandes, 2003; Masten, 2014; Pesce, Assis, Santos & Oliveira, 2004; Yunes & Szymaski, 2001).

Apesar da abrangência do conceito, é importante atentar-se a alguns pressupostos universais na descrição da resiliência. A adversidade é considerada condição *sine qua non* no processo da resiliência, de forma que uma ameaça (passada ou presente) afeta expressivamente o desenvolvimento do indivíduo resiliente, ou seja, o sujeito deverá ter vivido uma situação considerada de risco (Barlach, 2005; Rutter, 2006). A noção de adversidade segundo Infante (2005) pode ser real ou subjetiva, baseando-se em indicadores do nível de vulnerabilidade de uma pessoa diante de determinada situação.

No que diz respeito à compreensão acerca do que seja uma situação de risco, deve-se levar em consideração os diferentes contextos e culturas que exercem influência na definição de “risco” (Ungar, 2012), além de se considerar a significância dada pelo próprio sujeito dentro do contexto o qual está inserido (família, instituições, sociedade, cultura) (Libório & Ungar,

2010; Masten, 2007, 2014; Yunes, 2011). Alguns exemplos de fatores de risco considerados universais que comprometem intimamente o desenvolvimento humano são: fome, pobreza, escravidão, doença, guerras, violência sexual e física, morte, desastres naturais, condições sub-humanas, crianças e adolescentes inseridos prematuramente no mercado de trabalho, dentre outras situações de risco (Masten, 2011; Trombeta, 2000; Trombeta & Guzzo, 2002). Nota-se assim a importância de um olhar sistêmico sobre o indivíduo, de forma a ampliar uma visão que transponha as aparentes situações de riscos universais presentes ou não na história do indivíduo para estudar quais outros fatores exercem influência na vida do sujeito, a fim de estimular e trabalhar os fatores de proteção (Poletto & Koller, 2008).

Componentes de fundamental importância no processo de resiliência englobam: os *fatores de risco* (tipicamente associados a padrões de adaptação negativa) e os *fatores de proteção* (tipicamente associados a padrões de adaptação positiva diante de contextos de risco) (Reppold, Mayer, Almeida, & Hutz, 2012). Fatores de risco relacionam-se com eventos negativos de vida e, quando presentes, aumentam a probabilidade de a pessoa apresentar problemas físicos, sociais ou emocionais (Poletto & Koller, 2008). Tradicionalmente, para alguns autores, na presença de estressores (traumas que geram vulnerabilidade ao sujeito), eram previstas consequências indesejáveis (Cecconello, 2003; Luthar, 2006; Masten, 2001, 2007, 2014; Rutter, 2006, 2012).

Sapienza e Pedromônico (2005) relacionam risco, proteção e resiliência, argumentando que as adversidades não costumam estar isoladas, já que fazem parte do contexto social, envolvendo fatores políticos, socioeconômicos, ambientais, culturais, familiares e genéticos. Dessa forma, os fatores de risco aumentam a probabilidade de um desfecho negativo no desenvolvimento do indivíduo, sendo que quanto mais situações de risco acumulam, mais elas dificultam o desenvolvimento. Por outro lado, alguns fatores de proteção são cruciais para a ocorrência da resiliência, sendo que normalmente estão relacionados às redes de apoio

existentes em torno do sujeito; no caso das crianças e adolescentes, a família, os colegas, as experiências de aprendizagem, a exposição reduzida ao risco e as experiências compensadoras proporcionadas, por exemplo, por um ambiente escolar favorável (Dell'Agglio *et al.*, 2011; Masten, 2007; Poletto & Koller, 2011).

Vários pesquisadores vêm explorando fatores de proteção inerentes ao sujeito que tendem a melhorar o desenvolvimento dos indivíduos em vários domínios da vida cotidiana. Estes fatores foram incluídos na perspectiva da psicologia positiva (Seligman & Csikszentmihalyi, 2000), que os vê como condições e dimensões que contribuem para o florescimento ou funcionamento ideal dos indivíduos e grupos. No movimento da psicologia positiva, dezenas de qualidades estudadas encontram-se na identificação da resiliência, que incluem: adaptabilidade, habilidades de comunicação, autoestima, coragem, *self-mastery*, habilidades de resolução de problemas, *coping*, autoeficácia, locus interno de controle, felicidade, otimismo, fé, autodeterminação, sabedoria, criatividade, autocontrole, gratidão, perdão, esperança e humildade, dentre outros (Richardson, 2017; Seligman, 2011).

Há também outras características relacionadas à resiliência, que podem ser identificadas na literatura especializada: autoestima positiva, temperamento fácil e maleável (também chamado flexibilidade), habilidades pro-sociais, senso de humor, autorrealização, abertura a experiências, responsabilidade, motivação, criatividade, identificação com modelos positivos, busca de autonomia, assertividade, inteligência emocional, engajamento em diferentes atividades e comportamento direcionado à metas (Barlach, 2005; Brandão, 2009; Luthar, 2007; Prince-Embury, 2013; Trombeta, 2000; Wolin & Wolin, 1991). Isso vai ao encontro do que Reppold, Mayer, Almeida e Hutz (2012) argumentam:

Face à complexidade do fenômeno e à sua natureza dinâmica e contextual, antecipa-se que a avaliação da resiliência não pode ser fundamentada em um instrumento único ou unidimensional, ou como

uma condição estável do sujeito, devendo ser relativizada em relação aos fatores de risco e proteção do contexto (p.252).

A discussão sobre a resiliência remete diretamente a outros conceitos a ela associados, tais como indicadores e os mecanismos de risco e condição de vulnerabilidade. Entretanto, existem os fatores de proteção que são descritos como recursos pessoais que atenuam ou neutralizam o impacto do risco, características consideradas saudáveis para o sujeito, as quais, segundo estudiosos, poderiam atuar como um “escudo” para favorecer o desenvolvimento humano (Cardoso & Martins, 2013; Piacentini, 2014). Através da identificação, tanto dos fatores de risco quanto dos fatores de proteção, seria possível a realização de uma avaliação mais completa da resiliência presente em cada sujeito.

Avaliação da Resiliência

Nos últimos anos, fez-se notar um aumento na construção de medidas, no cenário mundial, voltadas à identificação da resiliência, porém com uma série de dificuldades, relacionadas à inconsistência na definição, a falta de clareza em relação à concepção de resiliência que se adota e a multiplicidade de conceitos empregados nesse constructo, os modelos atuais encontrados nos instrumentos deixam a desejar (Barlach, 2005; Reppold *et al.*, 2012).

Internacionalmente, Hall (2010) descreve 38 medidas que se propõem a avaliar aspectos resilientes, de *hardiness* e fatores de risco/proteção utilizadas por pesquisadores, englobando tanto atributos individuais como em relações familiares e suporte externo. Windle, Bennett e Noyes (2011) realizaram uma revisão metodológica de escalas globais de resiliência, encontrando 19 medidas, sendo que todas as medidas se mostraram incompletas em relação à investigação de suas propriedades psicométricas. Tais autores destacaram, dentre essas, a

Connor-Davidson Resilience Scale (Connor & Davidson, 2003), a *Resilience Scale for Adults* (Friborg, Hjemdal, Rosenvinge & Martinussen, 2003) e a *Brief Resilience Scale* (Smith, Dalen, Wiggins, Tooley, Christopher & Bernard, 2008) como os instrumentos que apresentaram melhores precisões em estudos de validade e precisão. Entretanto, diante de tantos instrumentos, tantas possibilidades de avaliação do construto, além da diversidade de perspectivas e compreensões teóricas, e da pluralidade de enfoques metodológicos, ainda não é possível identificar um modelo de avaliação que apresente um consenso junto aos pesquisadores mundiais.

Revisões sistemáticas nacionais sobre o conceito apontam que a forma de avaliação da resiliência que vem sendo mais utilizada no Brasil seria qualitativa, por meio de entrevistas, análise do discurso com indivíduos e familiares, análises documentais, dentre outros métodos (Oliveira, Reis, Zanelato, & Neme, 2008; Sampaio & Laranjeira, 2007). Nos poucos estudos encontrados que se baseiam na avaliação quantitativa, Reppold *et al.* (2012) apresentam alguns instrumentos mais utilizados por pesquisadores no Brasil, como a Escala de Resiliência de Wagnild e Young (1993), citado em 8 publicações, o Inventário de Avaliação da Qualidade de Vida da Organização Mundial da Saúde, citado em 4 estudos, a Escala de Resiliência para Adultos (Pereira, Cardoso, Alves, Narciso, & Canavarro, 2013) e a *Connor-Davidson Resilience Scale* (Lopes & Martins, 2011). Depois dessa revisão citada, a Escala dos Pilares de Resiliência (Cardoso & Martins, 2013) foi publicada no Brasil, sendo hoje um dos instrumentos que se encontram disponíveis para avaliação do construto. No entanto, Reppold *et al.* (2012) criticam a falta de clareza em relação à concepção de resiliência que se adota, principalmente ao se verificar a existência de propostas de construção de instrumentos no contexto brasileiro.

Dessa forma, vê-se a importância de adotar um modelo que aproxime da visão de resiliência que o pesquisador queira englobar. Importante destacar que cada instrumento se embasa em um modelo teórico diferente, sendo que, o instrumento selecionado para avaliação

da resiliência utilizou vários modelos teóricos para a construção de seus itens, sendo que um destes será dado destaque neste estudo, chamado mandala de resiliência apresentada por Wolin e Wolin (1993).

Nesse livro, os autores identificam sete tipos de resiliência a partir de uma pesquisa realizada com um grupo de crianças que demonstraram um enfrentamento resiliente diante de conflitos familiares, agrupados nas seguintes características: insight (o sujeito se questiona e gera respostas congruentes ao seu estado emocional, enaltecendo sua perspectiva diante de situações adversas), independência (o indivíduo mantém uma distância psicológica, não se envolvendo fisicamente, mentalmente ou emocionalmente em uma situação para resolver os problemas), interpessoal (capacidade de encontrar um equilíbrio entre a satisfação de suas necessidades e as necessidades dos outros), iniciativa (considera que os problemas são desafios que devem ser resolvidos de forma prática, e tem um bom desempenho), criatividade (pelos quais os autores definem como gerar enfrentamentos e soluções para os problemas que advêm de um ambiente desorganizado e caótico), humor (encontra motivos para gerar alívio para si e outros mesmo diante de situações limítrofes) e moralidade (deseja uma vida plena para si e outros) (Wolin & Wolin, 1995).

Posteriormente, nos anos seguintes, Ojeda (1997) observou os mesmos aspectos identificados por Wolin e Wolin (1993, 1995) e os chamou de “Pilares da Resiliência” (Cardoso & Martins, 2013; Melillo, Estamatti & Cuestas, 2005), renomeando e definindo os aspectos como: Introspecção (capacidade de analisar internamente seus sentimentos, trazendo uma resposta/solução honesta, utilizando de experiências passadas para elaborar questões do presente); Independência (capacidade de lidar com situações problemáticas, buscando soluções com certa distância, balanceando as necessidades pessoais e as demandas do meio social); Capacidade de se relacionar (sendo uma característica de um indivíduo que consegue estabelecer uma rede de apoio, criando laços afetivos com outros); Iniciativa (capacidade de

buscar seus próprios desejos e metas, explorando suas capacidades com criatividade e superando erros); Humor (capacidade de encontrar o cômico em situações adversas); Criatividade (assim como proposto por Ojeda (1997), diz respeito a capacidade de criar algo novo a partir de experiências passadas, criando ordem e beleza diante do caos); Moralidade (capacidade de distinguir situações potencialmente prejudiciais e benéficas a si e outros, sem afetar negativamente o outro) e Autoestima (fruto da relação e do cuidado afetivo estabelecido em família, resultando em uma capacidade de superação às adversidade).

Tais características se tornam um ponto de partida na busca da avaliação individual a fim de compreender a dinâmica de cada sujeito em sua maneira de lidar com a adversidade, assim como as diversas variáveis apontadas por ele e que estariam envolvidas no processo de enfrentamento de riscos e de promoção de potenciais ao longo da vida das pessoas (Seligman & Csikszentmihalyi, 2000). Portanto, tentar-se-á discutir algumas questões: quais fatores ou recursos internos presentes no sujeito estão envolvidos e funcionam como recurso de proteção ou de enfrentamento diante de adversidades? Dentre esses, será que a criatividade pode ser considerada um elemento importante no processo da resiliência? Tais questionamentos, serão norteadores para o presente estudo e, em momento oportuno, serão apresentados os delineamentos metodológicos selecionados na busca pelas possíveis respostas. Por enquanto, a temática da criatividade será abordada a seguir.

CRIATIVIDADE

Definição, Importância e Características

A criatividade se apresenta como um fenômeno complexo de múltiplas facetas (Wechsler, 2008). Etimologicamente, a palavra “criatividade” deriva do termo latino *CREARE*, que significa ‘fazer’ e do grego *KRAINEN* significando ‘realizar’, assume o significado de “trazer algo à existência”, ou “fazer crescer algo novo” (Glăveanu, 2013). Definida por Torrance (1974) como um construto no qual o indivíduo identifica dificuldades, formula hipóteses e passa a perceber falhas, tal entendimento do construto foi utilizado como base do estudo aqui apresentado.

Historicamente, a compreensão da criatividade passou por períodos distintos (Nakano, 2003). Nos primórdios da investigação humana acerca dessa característica, é possível notar até o final da Renascença (XIV-XVII) que os atributos aos quais se assemelhavam à criatividade eram associados à presença de loucura e à psicopatologia (Inzelberg, 2013). Com o surgimento do Iluminismo (XVIII), a transição entre os períodos históricos e suas repercussões no campo da arte, cultura e ciência contribuíram para o avanço da conceituação da criatividade (Ximendes, 2010), de modo que tal característica passou a ser vista como um aspecto sadio e positivo do indivíduo, a ser valorizado e desenvolvido.

No campo da Psicologia, a investigação do construto se destaca em meados de 1950, quando Guilford (1950) faz um famoso discurso em que aponta o descaso por este campo de estudo. Desde então, um crescimento no número de estudos sobre a temática se faz notar (Wechsler, 2008), juntamente com a ampliação no número de definições para o construto. Consequentemente, um impasse surge à medida em que, não havendo um denominador comum sobre a sua definição, a criatividade passou a ser vista com diferentes enfoques (Lubart, 2007; Nakano & Wechsler, 2006). Por um outro lado, gerou a construção de uma postura crítica

acerca do conceito, notadamente em relação à possibilidade de sua avaliação (Wechsler, 2006, 2008), dados os diferentes aspectos envolvidos do fenômeno.

Abordar a criatividade como um constructo multidimensional (Batey & Furnham, 2008; Lizarraga, Baquedano & Closas, 2012; Runco, 2010), implica em não só considerar que a criatividade atua de diferentes maneiras de acordo com a área de conhecimento que ela atua, mas que envolve a interação entre processos cognitivos, características da personalidade, aspectos familiares, educacionais e variáveis ambientais (Nakano & Wechsler, 2006; Wechsler, 2008; Wechsler & Souza, 2011).

Guilford (1950) foi o primeiro autor a propor uma definição para a criatividade, diferenciando-a da inteligência. Para ele, a busca por soluções, por meio de um pensamento não linear que o indivíduo chegaria à solução de problemas, consequentemente criando algo novo (Stersi & Hernandez, 2011), seria possível a partir do pensamento divergente. O pensamento divergente pode ser entendido como um tipo de pensamento em que muitas ideias são eliciadas por uma tarefa em aberto. Isto se difere do pensamento convergente, um componente também importante no processo da criatividade, que é tipicamente associada com a análise de ideias e seleção da correta (Antink-Meyer & Lederman, 2015; Runco & Acar, 2012). Para ele, a criatividade seria composta por quatro características cognitivas universais: fluência, flexibilidade, elaboração e originalidade (Alencar, Fleith, & Bruno-Faria, 2010; Wechsler, 2008).

A primeira dimensão, denominada Fluência, é definida como uma habilidade que gera um grande número de ideias, desprovida de censura nas respostas. Em segundo lugar, nomeia-se a Flexibilidade, caracterizada por uma mudança ou alteração na interpretação ou no significado de algo. Posteriormente, a Originalidade, que vai além do óbvio e é caracterizada por meio de respostas incomuns e por fim, a Elaboração, que consiste na habilidade utilizada

para o planejamento, organização, detalhar e enriquecer algo com detalhes (Alencar & Fleith, 2003; Runco & Jaeger, 2012).

Entretanto, depois de anos de estudos na área, Torrance (1974) começou a demonstrar a sua insatisfação com a limitação dos conceitos utilizados para avaliar a criatividade, uma vez que se reduzia a medida da criatividade ao pensamento divergente. Segundo Nakano e Primi (2012), “a partir disso reelaborou sua avaliação, aumentando os indicadores da criatividade para quatorze, ao invés dos quatro propostos inicialmente, com a incorporação de novas categorias de análise e correção” em seus testes (p.276). Com isso deixam de ser avaliados somente os aspectos cognitivos da criatividade, englobando também os aspectos emocionais do indivíduo.

Na literatura, autores descrevem esses indicadores emocionais como: (1) Expressão de Emoções: habilidade de incluir os sentimentos nas ideias apresentadas, vista como facilitadora de processos, permitindo soluções criativas; (2) Contextualização de ideias: estabelece uma conexão entre um problema e uma solução; (3) Presença de movimento: visto como facilitador do potencial criativo, encontrado no desenho ou na escrita; (4) Expressividade de títulos: quando o título transpõe a descrição óbvia de um conteúdo; (5) Combinação de estímulos: quando há junção e estímulos com o intuito de formar um único conceito, é medida por meio da síntese de estímulos; (6) Perspectiva incomum: capacidade de verificar a realidade a partir de diferentes ângulos ou perspectivas, ver coisas sob diferentes ângulos ou pontos de vista; (7) Perspectiva interna: ver determinadas coisas sob uma perspectiva interna, busca pela essência e pelo conteúdo interno; (8) Extensão de limites: Consiste na abertura psicológica frente a problemas de difíceis soluções, procurando soluções melhores com o intuito de solucionar o problema eficientemente, é também apresentada pela necessidade de rompes barreiras; (9) Riqueza de imagens: riqueza de detalhes; (10) Expressividade de ideias: ir além do óbvio, capacidade de expressar ideias; (11) Humor; (12) Fantasia: expressão do imaginário ou irreal,

oriundas de contos de fadas, experiências infantis e inspirações na literatura; (13) Perspectiva incomum: fatos ou eventos são vistos por diferentes ângulos; (14) Analogia/Metáforas: procura por semelhanças por coisas que não eram vistas como parecidas (Nakano 2012; Nakano & Wechsler, 2006; Wechsler, 2008).

Outros pesquisadores buscam compreender o conceito de forma sistêmica, constatando que a criatividade requer uma confluência de recursos distintos, porém interligados: capacidade intelectual, conhecimento, estilos de pensamento, personalidade, motivação e ambiente (Runco, 2010; Sternberg, 2006). Lubart (2007) também aponta para algumas descrições da personalidade criativa na literatura, destacando um conjunto relativamente estável de características, de forma a investigar traços comumente encontrados nos indivíduos criativos. Nesse sentido, destacam-se, de forma consensual entre importantes autores na área da criatividade, a fluência, flexibilidade, originalidade, abertura à experiência, disposição para correr riscos, independência de pensamento e julgamento (Haller & Courvoisier, 2010; Nakano & Wechsler, 2007; Nakano, Zaia & Oliveira, 2016; Wechsler, 2008). Assim, o que se pode perceber é que, independente do modelo teórico adotado, a literatura tem demonstrado que indivíduos criativos apresentam características de personalidade similares (Nakano, Campos, Silva & Pereira, 2011).

Dentre as abordagens mais aceitas, o modelo universal de Rhodes (1961) define esse construto considerando quatro categorias de investigação: a pessoa, processo, produto e ambiente criativo. Esta sistematização, é conhecida como esquema dos 4P's (*person, process, product e press*). O primeiro componente descrito seria o *processo criativo*, responsável por explicar e descrever o construto da criatividade quantitativamente e qualitativamente (Nakano & Wechsler, 2012), tomando etapas e processos, sobretudo cognitivos (David, Nakano, Morais, & Primi, 2011). O processo criativo englobaria assim “estudos a respeito de operações e estratégias que a pessoa utiliza para gerar e analisar ideias, resolver problemas, tomar

decisões e gerenciar seu pensamento durante o processo criativo” (Alencar, Bruno-Faria & Fleith, 2010, p. 13). Seria o estágio em que o indivíduo produz algo novo e original, conduz o pensamento para se atingir uma ideia criativa, resolver problemas, tomar decisões, recombina ideias e administrar seu pensamento durante o processo criativo (Alencar, Fleith & Bruno-Faria, 2010; Kaufman & Sternberg, 2007).

O segundo componente, *produto criativo*, considera as características relacionadas à originalidade, a solução de problemas e a síntese. O produto é influenciado por diversas variáveis, como características da personalidade, cognitivas, maturacionais e principalmente critérios externos como o olhar da sociedade, a cultura em que está inserido para avaliar o produto em si (Nakano & Wechsler, 2012).

O terceiro componente seria a *pessoa criativa*, envolvendo traços de personalidade, temperamento, habilidades cognitivas, inteligência, motivação e características pessoais, além de hábitos e valores pessoais (Alencar *et al.* 2010). Algumas dessas características se relacionam com a curiosidade, abertura ao novo, flexibilidade, autoconfiança, capacidade em assumir riscos, tolerância, persistência, dentre outras (Lubart, 2007). A importância do estudo dos traços e características de personalidade da pessoa criativa ampara-se nos benefícios advindos desse conhecimento, os quais podem ser usados na elaboração de programas que objetivam o desenvolvimento dessas habilidades, permitindo ainda a descoberta de barreiras que impedem a sua expressão, de forma a aumentar as possibilidades da manifestação criativa em todos os indivíduos (Alencar *et al.* 2010; Nakano & Wechsler, 2012).

Por fim, o *ambiente criativo (Press)*, envolveria situações externas e internas dos indivíduos e que influenciam na promoção ou inibição do potencial criativo (Alencar *et al.* 2010; Nakano & Wechsler, 2012). Compreende-se então que o potencial criativo do indivíduo é moldado pelo ambiente, representado pela família, escola e sociedade (Nakano & Wechsler, 2012).

Dessa forma, observa-se que a multiplicidade de conceitos que envolvem o construto da criatividade estimula pesquisadores a promoverem novos estudos na área, com o intuito de aprofundar e explicar de forma mais completa e abrangente esse fenômeno (Kasbelt, Beguetto & Runco, 2010). Entretanto, embora já se tenha caminhado para a compreensão do tema no último século, por meio de estudos e pesquisas sistematizadas, a sua avaliação ainda é alvo de polêmicas e discussões até a presente época, uma vez que tem sido bastante discutido o problema da sua medida (Nakano, 2012). Encontrar uma forma adequada de se medir os construtos, incluindo aí a criatividade, de forma a reduzir as desconfiças da validade da medida (principalmente pela subjetividade atribuída à criatividade e a amplitude do conceito), tem sido objetivo de muitos pesquisadores (Nakano & Wechsler, 2012), questão discutida a seguir.

Avaliação da Criatividade

Para An, Song e Carr (2015), existem diversas maneiras de identificar a criatividade, por meio de medidas de pensamento divergente, análise de performance do desempenho criativo, inventários biográficos de comportamento criativo e a auto avaliação da criatividade. Particularmente, a criatividade tem sido ligada intimamente ao pensamento divergente, considerado uma das competências mais associadas à realização criativa (Runco, 2010; Ximendes, 2010), sendo que habilidades cognitivas gerais, tais como o QI e outras medidas de conhecimento geral e aptidões, foram encontradas como preditoras do pensamento divergente (Batey, Chamorro-Premuzic, & Furnham, 2009; Nusbaum & Silvia, 2011).

As avaliações que propõem estudar a criatividade de forma mais ampla requerem, em seus estudos, o pensamento divergente (Runco, Abdulla, Paek, Al-Jasim & Alsuwaidi, 2016). Esse tipo de funcionamento envolve uma divergência real do pensamento, com caminhos associativos, explorando uma variedade de direções, espaços conceituais e possibilidades (Acar

& Runco, 2014, 2015). Na avaliação de criatividade, indivíduos são convidados a gerar o maior número possível de soluções próprias em resposta à uma tarefa de domínio-geral, ainda que, na maior parte do tempo, a Produção Divergente continue a ser operacionalizada de forma mais simples em termos de frequência, originalidade e flexibilidade das ideias produzidas (Charles & Runco, 2001).

Pesquisadores apontam que a avaliação da criatividade deve ser vista como um processo, sujeito a mudanças nos vários estágios da vida do indivíduo e de acordo com os padrões e valores culturais de cada país. Assim, deve-se considerar no desenvolvimento criativo o processo interativo entre as funções cognitivas, afetivas e sociais (Ximendes, 2010). Segundo pesquisadores, as décadas de 60 e 70 foram marcadas por um grande interesse na criação de instrumentos para avaliação desse construto. Houve uma procura para obter-se uma percepção mais integrada do fenômeno da criatividade, através da combinação de aspectos cognitivos com aspectos afetivos, de modo a ressaltar a importância de novos estudos visando à compreensão da criatividade e a mensuração de comportamentos criativos. Essa avaliação marcou-se, historicamente, tanto pela existência de medidas informais, realizadas pelo julgamento popular, que não atendem a critérios padronizados, quanto de avaliações formais, ou seja, as que atendem a critérios científicos de validade e precisão (De La Torre, 2008; Nakano & Wechsler, 2012; Wechsler, 2008).

Assim, dentro da avaliação da criatividade, agruparam-se duas linhas de pesquisa, uma das linhas utilizadas é denominada qualitativa, caracterizada pela análise de biografias de pessoas que se destacavam em determinada área, e que de alguma forma contribuíram em qualquer área, tendo algum reconhecimento por isto. Porém, essas pesquisas tendem a criticar o resultado de um único teste, não crendo que tal resultado seja uma forma de concluir sobre a criatividade de um indivíduo. Posteriormente, surge a linha quantitativa, caracterizada basicamente pelo uso de instrumentos validados, precisos e fidedignos, sendo importante

ressaltar que, na busca para avaliar a criatividade, as formas que os autores têm recorrido são inúmeras, havendo, portanto, uma variedade de medidas como as escalas, testes, inventários e questionários (Wechsler, Vendramini & Oakland, 2012).

Dessa forma, verifica-se na literatura a existência de uma variedade de categorias utilizadas para avaliar a criatividade, como por exemplo, testes de pensamento divergente, inventários de atitudes e interesses, inventários de personalidade e bibliográficos, avaliações por professores, pares e supervisores (Nakano, 2003; Nakano & Wechsler, 2012). Segundo El-Murad e West (2004) os tipos de medidas para avaliar a criatividade poderiam ser enquadrados em categorias: 1) testes de pensamento divergente, 2) inventários de atitudes e interesses, 3) inventários de personalidade, 4) inventários bibliográficos, 5) indicações de professores, 6) indicações de pares, 7) avaliação de supervisor, 8) julgamento de produtos, 9) eminência, 10) atividades criativas de auto avaliação e conhecimentos. Estas diversas possibilidades de avaliação da criatividade têm demonstrado como são amplas suas maneiras de expressão (Nakano & Wechsler, 2007).

Atualmente o país conta com quatro instrumentos aprovados pelo Conselho Federal de Psicologia para avaliação do construto: Pensando Criativamente com Palavras (Wechsler, 2004a), Pensando Criativamente com Figuras (Wechsler, 2004b), Escala de Estilos de Pensar e Criar (Wechsler, 2006) e Teste de Criatividade Figural Infantil (Nakano, Wechsler & Primi, 2011). Destaca-se o fato de que os três primeiros são voltados para uso em adolescentes e adultos e, o último, em crianças (Nakano & Wechsler, 2006).

Baseado nos testes de Torrance, os testes Pensando Criativamente com Palavras (Wechsler, 2004a) e Pensando Criativamente com Figuras (Wechsler, 2004b) foram traduzidos e validados para uso no Brasil, sendo os mais utilizados na identificação do indivíduo criativo. Seu uso e importância deve-se ao fato de seus estudos terem envolvido grandes amostras e validações longitudinais, investigando a influência de diversas variáveis na expressão criativa,

tais como gênero, raça e nível socioeconômico, em indivíduos com diferentes linguagens e culturas (Nakano & Primi, 2012; Nakano, Wechsler & Primi, 2011).

No presente estudo, a opção pela utilização de dois desses instrumentos foi feita. O Teste Pensando Criativamente com Palavras de Torrance e a Escala de Estilos de Pensar e Criar. O primeiro se embasa na definição de criatividade enquanto um fenômeno complexo e multidimensional que envolve a interação entre aspectos cognitivos, características da personalidade, aspectos familiares, educacionais e variáveis ambientais (Wechsler, 2008). Tal instrumento avalia características relacionadas à pessoa criativa: fluência, flexibilidade, elaboração, originalidade, expressão de emoção, fantasia, perspectiva incomum e analogias/metáforas.

O segundo instrumento baseia-se na definição de estilos de pensar e criar como maneiras preferenciais de pensar e agir em determinadas situações, de forma a caracterizar certas tendências no comportamento e sentimento da pessoa criativa, cujo conhecimento pode atuar de modo a facilitar a compreensão do modo de agir da pessoa criativa dentro de um determinado ambiente (Wechsler, 2008). O instrumento selecionado abarca cinco tipos específicos de estilos de pensar e criar, melhor descritos por ocasião dos estudos empíricos.

Apesar do grande uso de instrumentos de criatividade no Brasil, nota-se pouco uso destes instrumentos voltados ao contexto clínico ou para a saúde mental. Um estudo de Oliveira, Nakano e Wechsler (2016) realizou um levantamento de pesquisa observando a relação entre a criatividade e a saúde mental, e os resultados do estudo indicaram um crescimento linear das produções nos últimos anos na área da Psicologia e Medicina, com um olhar predominante em aspectos psicopatológicos. Diante dos achados, as autoras sugerem o desenvolvimento de estudos sobre a temática voltados à investigação dos aspectos sadios presentes na relação entre criatividade e atributos que influenciam a saúde mental dentro da tendência atual da Psicologia Positiva.

Considerando-se que a criatividade implica na criação de novas ideias, produtos e abordagens (Nakano & Wechsler, 2006), a capacidade de pensar de forma criativa e inovadora, somada à presença de atributos de personalidade que se associam à criatividade e a influência do ambiente na facilitação do processo, tem sido apontada como um importante recurso de enfrentamento dos desafios atuais (Alencar & Fleith, 2003). Tal constatação tem levado os pesquisadores a levantar a hipótese da relação entre criatividade e resiliência, abordada a seguir.

RELAÇÕES ENTRE CRIATIVIDADE E RESILIÊNCIA

Os conceitos de criatividade e resiliência separadamente vêm ganhando foco no meio científico, devido ao fato de ambos serem vistos como mecanismos favoráveis ao desenvolvimento sadio do indivíduo (Csikszentmihalyi, 2000; Oliveira & Nakano, 2011; Pesce *et al.*, 2004; Seligman & Csikszentmihalyi, 2000; Wolin & Wolin, 1993; Yunes, 2006, 2011). Nota-se, entretanto, uma carência de estudos que investiguem empiricamente como ocorre a relação entre estes constructos no cenário mundial e na realidade brasileira, apesar de nos últimos anos ter-se feito notar um grande interesse por parte dos pesquisadores pela temática, na tentativa de articular ambos os conceitos em diversas áreas de atuação (Bender, Metzl, Selman, Gloger & Moreno, 2015; Gomes & Nakano, 2017; Metzl, 2007, 2009; Metzl & Morrell, 2008; Oliveira & Nakano, 2011).

Na visão da Psicologia Positiva, alguns fenômenos são apontados como saudáveis no indivíduo, destacando-se, dentre eles, a criatividade e a resiliência (Seligman & Csikszentmihalyi, 2000; Yunes, 2003, 2011). Considerando a importância da temática, alguns autores têm ressaltado a importância da criatividade como um recurso de enfrentamento de riscos e desafios atuais (Metzl, 2007; Oliveira & Nakano, 2014; Sakamoto, 2012). No cenário mundial, vários fatores de risco, como o empobrecimento e exclusão social, desemprego, guerras, terror, conflitos políticos, desastres naturais e tecnológicos, maus-tratos, exploração, aumento da ineficácia dos sistemas de proteção social, a deterioração da educação, família, saúde e justiça têm sido considerados desencadeadores de adoecimento no ser humano, principalmente no que se refere às psicopatologias (Fiorentino, 2008; Masten, 2001, 2014; Paludo & Koller, 2011). Nesse contexto, a criatividade tem sido sondada como uma possibilidade de superar as dificuldades impostas pelo meio, riscos e adversidades, atuando no desenvolvimento pessoal e propiciando uma vida sadia.

A revisão de literatura apresentada nos capítulos anteriores sugere que várias características associadas à criatividade parecem contribuir no processo de resiliência. Por exemplo, podem ser citadas: pensamento flexível, pensamento divergente, alta conscienciosidade e expressividade social, auto percepção, a habilidade de se distanciar de estressores através do engajamento denominado ‘*flow*’, habilidade de solucionar problemas, humor, habilidade de observar a realidade a partir de um ponto de vista otimista e abertura a experiências, considerados elementos atribuídos à criatividade e, também recursos internos importantes dentro do processo de resiliência (Luthar, 2006; Metzl, 2007, 2009; Metzl & Morrell, 2008; Seligman & Csikszentmihalyi, 2000). Luthar e Zelazo (2003) encontraram fatores similares integrados à adaptação resiliente, sugerindo que recursos criativos possam contribuir para um melhor ajustamento.

Dadas as semelhanças, alguns autores têm considerado a criatividade como um importante fator de proteção, visualizada como uma das formas de manifestação da resiliência (Firestone, 2013; Lynch, Sloane, Sinclair & Bassett, 2013; Metzel, 2007; Metzel & Morrell, 2008; Morelato, Carrada & Ison, 2013; Wolin & Wolin, 1993). Uma das interpretações dessa relação ampara-se na constatação de que, se a criatividade é vista como um traço ligado ao pensamento divergente (e que visa a novidade e busca por soluções adequadas) e usa critérios adotados por Csikszentmihalyi (2000) quanto a mudança considerável exercida no ambiente, a resiliência pode de fato ser vista como criatividade que se manifesta no domínio pessoal de um indivíduo (Metzel, 2007, 2009; Metzel & Morell, 2008).

Um aspecto específico da criatividade, a flexibilidade, tem sido destacado como um dos elementos capazes de estabelecer a relação entre criatividade e resiliência. Meneely e Portillo (2005) conjecturaram que "a flexibilidade é fundamental para adaptação criativa, no qual a transformação ocorre tanto no ego como no ambiente" (p.156). Considerando que alguns estágios da criatividade incluem, por exemplo: identificação de um problema ou uma

oportunidade, coleta de informações para busca de soluções, geração de ideias e avaliação ou modificação dessas ideias, a compreensão de pensamento flexível poderia ser ampliada para a capacidade de alternar entre estados no processo de resiliência. Baseado nessa compreensão, os autores desenvolveram o conceito de adaptação criativa (Meneely & Portillo, 2005), baseado nos escritos de Cohen e Ambrose (1999), que inclui a flexibilidade do pensamento, capacidade de resposta ao ambiente (auto-adaptação), a transformação e a avaliação do ambiente (adaptação de campo) como características principais da resiliência. Para fins de investigação, tal conceituação poderia sugerir que a flexibilidade seria uma linha comum entre criatividade e resiliência (adaptação) (Metzel, 2007, 2009).

O conceito de adaptação criativa parece estar teoricamente vinculado a resiliência, visto que é um tipo de adaptação que inspira o funcionamento de uma forma excepcionalmente positiva (vinculada à novidade) e de formas apropriadas que levam em consideração o ambiente e contexto específico. Os autores explicam a função da adaptação criativa como um processo que facilita a "resolução de problemas de forma dinâmica e holística" (Meneely & Portillo, 2005, p. 163), articulando entre adaptabilidade interna (na qual a flexibilidade entre estilos de pensamento e traços convêm à personalidade criativa) e adaptabilidade externa (quando uma performance mais criativa se desenvolve dentro de uma abordagem sistêmica) (Metzel, 2007).

Especificamente em relação às características criativas, os achados de Meneely e Portillo (2005) sugeriram que poderia existir uma forte ligação entre desempenho criativo e flexibilidade, sendo, o pensamento flexível, uma manifestação da personalidade criativa. Assumidamente, o pensamento flexível (divergente) poderia prever uma personalidade mais resiliente. Então, se o pensamento divergente é visto como um atributo de criatividade pessoal (Goff & Torrance, 2002), a criatividade, medida através do pensamento divergente, poderia prever resiliência (Metzel, 2007, 2009).

No entanto, convém destacar que a relação entre criatividade e resiliência não seria entendida como unilateral ou causal. O processo resiliente e o processo criativo são compreendidos como processos mútuos, a criatividade não é somente um aspecto do comportamento resiliente, ela também gera resiliência (Prescott, Sekendur, Bailey & Hoshiro, 2008). Para Wolin e Wolin (1993, 1995), Ojeda (2004) e Metzel e Morrel (2008), a criatividade estaria adicionada em outros aspectos da resiliência psicológica, como *insight* (no sentido de compreender, conhecer e perceber), *iniciativa*, *independência*, *relacionamentos positivos*, *senso de humor*, *orientação* e *valores*. Todas essas habilidades permitiram aos indivíduos que superassem às adversidades em sua vida cotidiana e recuperarem-se de eventos estressantes para alcançar uma adaptação por completo (De Caroli & Sagone, 2014b), sendo também, descritos como características de personalidade associadas à pessoa criativa.

A análise da personalidade criativa e de fatores comuns de personalidade de indivíduos altamente criativos envolvem: abertura à experiência, extroversão, ludicidade e senso de humor, busca por complexidade, motivação, curiosidade, tolerância de ambiguidade, independência de julgamento, imaginação, tendência à novidade, disposição de assumir riscos, fluência e originalidade de ideias, inconformismo, impulsividade, espontaneidade e confiança em si mesmo (Cskszentmihalyi, 2000; De Caroli & Sagone, 2014a, 2014b; Feist, 2004; Wechsler, 2008). Dessa forma, pode-se verificar que o estudo da resiliência se aproxima bastante do estudo voltado às características da pessoa criativa, dentro do modelo dos 4P's.

Mais recentemente, a literatura tem buscado aproximar dois campos com grande importância para a literatura científica: a criatividade e personalidade. Tenta-se, dessa maneira, verificar a existência de atributos gerais envolvidos na chamada personalidade criativa, compreender se a personalidade de tais indivíduos difere em termos de características e, ainda, analisar como cada um dos cinco fatores da personalidade relaciona-se com a criatividade. Ao se discutir a relação entre os construtos, torna-se importante destacar a complexidade de ambos

e a variedade de modelos teóricos disponíveis na literatura científica. Dada a relevância e reconhecimento do modelo de personalidade proposto pelo *Big Five*, os estudos mais atuais têm buscado investigar como os cinco grandes fatores (socialização, amabilidade, extroversão, abertura a experiências e neuroticismo) estariam associados à criatividade (Nakano, Zaia & Oliveira, 2016).

Ainda que nenhum consenso seja reconhecido acerca dessas relações, notadamente diante do fato de que quando os instrumentos são alterados, a relação entre os construtos também pode ser modificada (Batey *et al.*, 2009), a revisão da literatura internacional tem apontado para o fator Abertura como aquele que possui características que mais se aproximam da criatividade (Batey *et al.*, 2009; Batey & Furnham, 2008; Feist, 2004; Ivcevic & Mayer, 2007; Metzel & Morrell, 2008; Silvia, Wigert, Reiter-Palmon & Kaufman, 2012). Outros estudos relatam a relação significativa entre criatividade e o fator socialização também são encontrados (Hughes, Furnham & Batey, 2013; Nakano, Zaia & Oliveira, 2016).

Outro estudo relevante, realizado em uma amostra de 749 adolescentes italianos teve o objetivo de analisar a relação entre o perfil resiliente e a personalidade criativa. Os resultados indicaram que quanto mais os adolescentes estavam engajados, adaptados e se sentiam competentes diante de adversidades, havia uma tendência maior a serem curiosos, gostarem de complexidade, dispostos a se ariscarem, e utilizar da imaginação. Complementando este estudo, Jovanovic e Brdaric (2012) descobriram que adolescentes altamente curiosos expressaram maiores níveis de satisfação de vida e ajustamento psicológico do que os com menor curiosidade. Além disso, mais adolescentes praticavam controle sobre seu ambiente, utilizando recursos como senso de humor, curiosidade, ousadia, interesse ou busca por complexidade (De Caroli & Sagone, 2014a). Uma pesquisa de Benard (1997) encontrou que a criatividade contribui para outros aspectos da resiliência, tais como competência social,

habilidades de resolução de problemas, autonomia e senso de propósito (Prescott, Sekendur, Bailey & Hoshiro, 2008).

Esclarecendo a relação entre criatividade e resiliência, Csikszentmihalyi e Seligman (2000) apontam:

o desenvolvimento psicológico não é motivado apenas pela pressão da adaptação e sobrevivência, mas também pela necessidade de reproduzir experiências máximas. Sempre que possível, pessoas escolhem comportamentos que as fazem sentir plenamente vivas, competentes e criativas (p.9)

Diante desta afirmação, é possível pensar em elementos que possam contribuir para a ocorrência desses comportamentos desencadeadores no ser humano. Parte das características classificadas como protetoras também descrevem a pessoa criativa. Dessa forma, a resiliência pode também ser definida como a construção de soluções criativas diante das adversidades presentes na sociedade atual, que geram dois efeitos: a solução de problema e a renovação do ponto de vista do indivíduo, envolvendo não somente o controle sobre a situação (*Mastery*), mas também uma motivação para que o indivíduo siga lutando por novos resultados pessoais (Barlach, Limongi-França & Malvezzi, 2008; Oliveira, Reis, Zanelato & Neme, 2008; Silveira & Mahfoud, 2008).

Também a criatividade tem sido considerada, teoricamente, mas não empiricamente, como um aspecto psicológico de resolução de problemas e enfrentamento em situações de tensão e adversidade (Forgeard, 2013). Assim, é reconhecido que quando indivíduos resilientes e autoeficientes estão diante de adversidades ou resultados inesperados, tendem a lidar com a adversidade usando soluções criativas e novas possibilidades para sua própria vida e adequação ambiental (Sagone & De Caroli, 2014a). Nesse sentido, outro modelo a se destacar é a mandala

de resiliência apresentada no livro de Wolin e Wolin (1993), na qual a criatividade tem sido identificada com um dos sete tipos de resiliência. No modelo, a função da criatividade seria a de auxiliar os indivíduos no processo de aprendizagem e adaptação, uma vez que trabalham com o aprimoramento a partir da assimilação das experiências e principalmente quanto a solução de problemas no futuro (Heise, 2014).

Ainda que uma série de relações entre os dois construtos sejam investigadas na literatura, modelos atuais de resiliência ainda não exploraram o papel da criatividade o suficiente. Alguns estudos utilizaram a criatividade como uma ferramenta eficaz para aprimorar a resiliência em programas de intervenção (Bickley-Green & Phillips, 2003; Duarte, 2011; Prescott *et al*, 2008), utilizando ferramentas criativas para explorar a resiliência ou até mesmo identificar a criatividade como um dos sete tipos de resiliência (Wolin & Wolin, 1993). No entanto, até então esses estudos utilizaram apenas métodos qualitativos e não buscaram testar o papel da criatividade dentro de um modelo mais geral de resiliência.

Uma revisão sistemática realizada na literatura internacional pelas autoras (Gomes & Nakano, 2018) apontou a existência de 27 produções que relacionavam a criatividade e resiliência nos últimos 10 anos, sendo que seis dessas eram nacionais. As autoras acessaram as bases de dados APA, CAPES, SCIELO, PEPSIC, EBSCO e PUBMED, utilizando da combinação das palavras-chave em inglês “*Creativity*” and “*Resilience*” or “*Resiliency*” nas bases de dados internacionais (APA, EBSCO e PUBMED) e, nos bancos de dados nacionais (CAPES, SCIELO e PEPSIC), as palavras-chave “Criatividade” e “Resiliência”, e entre “Criatividade” e outros descritores relacionados ao segundo conceito da resiliência, como “Invulnerabilidade”, “Invencibilidade” e “Adaptação Psicológica”. Dos estudos levantados, 8 eram artigos teóricos, 9 seguiam uma metodologia qualitativa, 3 seguiam uma metodologia mista e 7 empregaram a metodologia quantitativa com instrumentos. As pesquisas caracterizavam-se com diversos focos e campos de atuação, como: Arteterapia, Desastres

Naturais, Desenvolvimento Humano, Organizações, Vulnerabilidade Social, Pessoas de destaque e estudos teóricos relacionados ao campo da filosofia ou da psicanálise. Nota-se nesta pesquisa que, em 2015, houve um aumento das publicações em relação aos anos anteriores (7 produções), demonstrando a importância que o estudo da relação entre esses conceitos alcança na atualidade.

Internacionalmente, dentre os poucos estudos encontrados, o proposto por Metzel (2007, 2009), explorou a recuperação de residentes da cidade de Nova Orleans depois que a cidade foi atingida pelo furacão Katrina. A autora envolveu a criatividade dentro de um modelo de resiliência, no qual a criatividade se mostrou conectada ao bem-estar subjetivo, apesar da exposição à um desastre natural e entendida como uma manifestação da resiliência. O estudo obteve sucesso e foi replicado por Bender *et al.* (2015), em outra população depois de outro desastre natural que ocorreu em 2010 no Chile, causado por um terremoto. Os resultados apresentaram-se similares.

Quanto aos estudos nacionais que abarcam ambas as temáticas, destacam-se os estudos: de Oliveira e Nakano (2011, 2014), Silveira e Mahfoud (2008), Barlach *et al.* (2008), Duarte (2011) e Gums (2015), apresentados de modo sumarizado, a seguir. Oliveira e Nakano (2011) realizaram uma revisão de pesquisas nacionais sobre criatividade e resiliência, com artigos publicados entre 2005 e 2008 e encontraram 7 produções referentes a área. Este trabalho se mostrou relevante uma vez que destacou lacunas que se encontravam presentes e mereciam ser investigadas devido ao pequeno número de estudos sobre a temática. Outro estudo derivado de uma síntese de dissertação de Mestrado teve como objetivo analisar a biografia da psiquiatra brasileira Nise da Silveira, analisando expressões criativas dessa figura de destaque perante situações adversas encontradas em sua vida (Oliveira & Nakano, 2014). A metodologia qualitativa empregada na biografia da psiquiatra gerou apreciações que indicaram que a figura

de destaque utilizou de recursos criativos durante a sua vida que cumularam em uma postura de enfrentamento considerada resiliente.

Dois artigos teóricos, o primeiro de Silveira e Mahfoud (2008), trata a resiliência como uma capacidade do ser humano de enfrentar, sobrepor-se e ser fortalecido por experiências de adversidade, discutindo-a à luz da visão de Viktor Emil Frankl. Faz-se um estudo da logoterapia destacando os conceitos que tornam possível a resiliência: busca de sentido como motivação primária, a autotranscendência e auto compreensão. Os autores concluem que a resiliência se torna uma das consequências de se encontrar o sentido da vida e movimentar-se para realizá-lo. O segundo artigo, “O conceito de resiliência aplicado ao trabalho nas organizações” (Barlach *et al.*, 2008) discute o termo resiliência como referencial teórico para pesquisa no campo da Psicologia do Trabalho. O recorte teórico do trabalho pressupõe que a resiliência pode ser definida como a construção de soluções criativas diante das adversidades presentes nas condições de trabalho e dos negócios da sociedade atual.

O trabalho de Duarte (2011) discorre sobre a importância do trabalho psicopedagógico com crianças portadoras de necessidades especiais, trabalhando com recursos que auxiliam no desenvolvimento de suas potencialidades. A estimulação do potencial criativo através da imaginação mostrou auxiliar as crianças, facilitando a elaboração de estratégias para lidar melhor com situações difíceis que convivem no dia a dia.

Tese de Doutorado de Gums (2015) buscou investigar as relações entre características da resiliência e criatividade em pessoas que se destacam em diferentes áreas. Utilizou os instrumentos escalas dos Pilares de Resiliência (EPR), a bateria de avaliação de criatividade em adultos (BAICA) e o teste Estilos de Pensar e Criar, além de um questionário de realizações criativas. As produções criativas dos participantes também foram investigadas. Os resultados apontaram diferenças significativas apenas na EPR nos itens bom humor e orientação positiva

para o futuro. Os objetivos foram alcançados parcialmente, porém o estudo não se mostrou conclusivo.

Mais comumente se tem feito presente estudos voltados à intervenção, notadamente enfocando o impacto da intervenção da arteterapia em situações de trauma, por meio da utilização de recursos e práticas que estimulam a criatividade. A criatividade como função da arte terapia ajuda os indivíduos a alcançarem crescimento pessoal, auto entendimento, mudanças e reabilitação. Estudos como de Prescott *et al* (2008) utilizaram da criatividade e da arte como facilitadores da resiliência em um grupo de jovens sem-teto, utilizando uma metodologia qualitativa e quantitativa e se baseando nos estudos de Wolin e Wolin (1993), em que incluem a criatividade como componente da resiliência. Firestone (2007) utiliza da arte como processo criativo e catarse diante do enfrentamento de 12 mulheres artistas diagnosticadas com doenças severas. Alayarian (2007) utiliza da psicoterapia de grupo (abordagem psicanalítica) para trabalhar o elo entre a resiliência e a criatividade em refugiados através da abordagem winnicottiana. Almeja-se que tais técnicas assumam o papel de se constituírem como formas de se fortalecimento do indivíduo e, portanto, mais propensos ao processo da resiliência (Chilcote, 2007; Collie, Backos, Malchiodi & Spiegel, 2006; Costello, 2015; Firestone, 2013; Lynch *et al*, 2013; Prescott *et al*, 2008).

Diante da importância exposta através dos estudos apresentados que relacionam as temáticas, ressalta-se que a investigação acerca da semelhança entre os construtos contribui para a qualidade de vida e o desenvolvimento sadio do indivíduo. Na vida cotidiana, a criatividade pode representar um papel positivo, como uma forma de encontrar respostas mais eficazes e soluções mais adaptadas na presença de um ambiente desfavorável. Considerando-se que, tanto o fenômeno da criatividade quanto o da resiliência, mostram-se influenciados de acordo com as condições encontradas no ambiente em que o indivíduo se encontra, uma discussão sobre o papel desse contexto será feita.

Inicialmente o foco de interesses dos pesquisadores estava no perfil do indivíduo criativo e no desenvolvimento de programas e técnicas que favorecessem a expressão criativa, porém nos últimos 20 anos, surgiram novas contribuições teóricas, com ênfase na influência de fatores sociais, culturais e históricos no desenvolvimento da criatividade (Nakano & Wechsler, 2007). Conseqüentemente, a importância do ambiente no desenvolvimento da criatividade tem sido reconhecida pelos pesquisadores da área, especialmente nas duas últimas décadas (Alencar, Fleith & Bruno-Faria, 2010; Lubart, 2007). Cada vez mais, a criatividade pode ser vista como um fenômeno sistêmico, não depende apenas de características intrapsíquicas, mas é fruto da interação entre indivíduo e ambiente (Csikszentmihalyi, 2000), sendo afetada tanto pelos fatores do contexto social, político, econômico, cultural e histórico quanto pelos aspectos intrapessoais.

Sakamoto (2012) destaca duas teorias com um enfoque maior no papel do ambiente sobre a criatividade, a de Winnicott (1896-1971) e a visão de Csikszentmihalyi (1934). O primeiro enfoca no desenvolvimento do potencial criativo a partir do desenvolvimento emocional, apoiado pelos recursos internos bem como nos cuidados constantes oferecidos pelo ambiente ao indivíduo e processo. O segundo propõe uma visão sobre a experiência criativa e ressalta a importância do ambiente para a produção e o reconhecimento da produção criadora. No Brasil, Alencar e Fleith (2010) reforçaram a influência de fatores ambientais e características individuais na promoção do potencial criativo, corroborando a visão sistêmica predominante nas pesquisas em criatividade atualmente. Do mesmo modo, David, Morais, Primi e Miguel (2014) sugerem a participação da escola (ambiente) no desenvolvimento da criatividade nos alunos, após examinarem as competências criativas relacionadas à produção divergente (verbal) no contexto educativo.

O que se faz notar, após décadas de estudo da criatividade, é que a mesma pode ser considerada um fenômeno essencial para a compreensão do indivíduo, bem como para sua

realização pessoal (Nakano & Wechsler, 2007). A criatividade é uma forma de manifestar o potencial humano, um processo que envolve o engajamento em atividades que geram produções diversificadas, levando o indivíduo a um melhor ajustamento em seu ambiente (Sakamoto, 2000), sendo compreendida como um elemento promotor de bem-estar (Alencar & Fleith, 2003, 2010; Csikszentmihalyi, 2000).

Perante a revisão teórica realizada, convém destacar que as definições que serão tomadas como base em relação aos construtos envolvidos. A criatividade, considerada um fenômeno complexo e multidimensional que envolve a interação entre aspectos cognitivos, características da personalidade, aspectos familiares, educacionais e variáveis ambientais (Wechsler, 2008). Notadamente, terá, como ênfase, aspectos relacionados à pessoa criativa, envolvendo uma série de características apresentadas por Wechsler (2004a, 2004b, 2006) baseados nos modelos propostos por Guilford (1950) e Torrance (1974), avaliadas nos instrumentos selecionados: fluência, flexibilidade, elaboração, originalidade, expressão de emoção, fantasia, movimento, perspectiva incomum, perspectiva interna, uso de contexto, títulos expressivos, analogias/metáforas.

Já para a Resiliência, ainda que nenhum consenso seja encontrado em relação à sua conceituação, nesse trabalho tal construto será definido como a maneira de cada indivíduo lidar com a adversidade, assim como as diversas variáveis envolvidas no processo de enfrentamento de riscos e de promoção de potenciais ao longo da vida (Seligman & Csikszentmihalyi, 2000). Para sua compreensão utilizaremos as características apresentadas por Cardoso e Martins (2012), levantadas nos modelos de Ojeda (1997), Melillo (2008) e Wolin e Wolin (1993), as quais envolvem auto-eficácia, controle emocional, autoconfiança, orientação positiva para o futuro, valores positivos, empatia, reflexão, sociabilidade, aceitação positiva para a mudança, independência e bom humor, avaliadas no instrumento selecionado para a medida desse construto (Cardoso & Martins, 2012).

OBJETIVOS

Objetivo Geral

Verificar como criatividade e resiliência se relacionam, quando tais construtos são considerados dentro de modelos multidimensionais.

Objetivos Específicos

1. Analisar a relação entre resiliência e uma medida qualitativa de criatividade, representada por meio dos estilos de pensar e criar
2. Analisar a relação entre resiliência e uma medida quantitativa de criatividade, representada por meio de um instrumento de criatividade verbal

Hipóteses

H0: Não existem relações entre características criativas e características resilientes

H1: Existem relações entre características criativas e características resilientes

MÉTODO E RESULTADOS

Estudo 1: Evidências de validade baseadas nas relações com variáveis externas

Considerando a hipótese de que a resiliência poderia ter relações com os processos criativos em adultos, busca-se verificar empiricamente essa possível associação com outro instrumento psicológico que avalie outro construto, sendo neste caso, a criatividade. Esse tipo de estudo pode ser considerado como busca por evidências de validade pela relação com testes que avaliam construtos relacionados. Nesse caso, busca-se investigar a associação entre o teste e outros que avaliem construtos semelhantes, os quais avaliam processos psicológicos com dimensões relacionadas, mas distintas, esperando-se, por consequência, índices de correlações baixas e moderados, ou seja, com valores entre 0,20 e 0,50 (Nunes & Primi, 2010).

Como forma de atingir esse objetivo, a Escala de Estilos de Pensar e Criar foi selecionada para ser utilizado como critério externo (instrumento de avaliação da criatividade), possibilitando a investigação da convergência entre um instrumento de avaliação da resiliência (Escala Pilares da Resiliência) sendo, ambos, escalas de autorrelato com adequação para uso em adultos. Considerando-se que a escala de criatividade selecionada se constitui em um instrumento que não visa a quantificação e/ou comparação do nível de criatividade do sujeito com outros, mas sim a classificação do sujeito em um estilo de pensar e criar predominante. Buscar-se-á verificar se, algum dos estilos de pensar e criar, se relaciona mais diretamente com as medidas da escala de resiliência.

Participantes

A amostra foi composta por 134 participantes, selecionados por conveniência, provenientes de diversas instituições como empresas de pequeno porte, escolas de ensino médio e faculdades localizadas no interior do estado de São Paulo. Dos participantes, 64%

(n=86) eram do sexo feminino, com idades entre 18 e 65 anos ($M = 32,27$ e $DP = 11,75$), sendo 18% (n=9) com escolaridade correspondente ao ensino médio, 56% (n=28) com ensino superior completo, 12% (n=6) com ensino superior incompleto e 10% (n=5) de pós-graduados.

Instrumentos

Teste Escala de Pilares de Resiliência - EPR (Cardoso & Martins, 2013)

O instrumento possui, como objetivos, identificar, dentre os atributos pessoais que favorecem uma conduta resiliente, quais deles o indivíduo possui bem desenvolvidos e quais se encontram menos desenvolvidos. Para isso, embasa-se na definição de resiliência enquanto a capacidade dos seres humanos de superar as adversidades da vida, fortalecendo-se após o enfrentamento de uma situação-problema. Como pilares, entende as características que servem de suporte as condutas resilientes em situações de adversidades ou grande pressão (Rogge & Lourenço, 2015).

Encontra-se normatizada para uso em estudantes a partir do Ensino Fundamental (cursando), podendo ser aplicada de forma individual ou coletiva. A EPR é formada por 90 itens, que avaliam 11 fatores, classificados em diferentes níveis: muito baixo, baixo, médio, alto e muito alto. As características avaliadas que compõem o instrumento são: Auto Eficácia, Controle Emocional, Autoconfiança, Orientação Positiva para o Futuro, Valores positivos, Empatia, Reflexão, Sociabilidade, Aceitação Positiva para Mudança, Independência e Bom Humor.

Importante salientar que a escala não se constitui como instrumento psicológico, visto que, segundo as autoras, a resiliência “definitivamente não se constitui um traço de personalidade” (Cardoso & Martins, sem data). Sob tal argumento, tal instrumento não teria sido encaminhado para avaliação do Conselho Federal de Psicologia (CFP) já que a “a escala não avaliar resiliência enquanto construto psicológico atrelado à personalidade, e sim, enquanto

atitude que pode facilitar ao indivíduo ter uma conduta resiliente”. No entanto, uma série de estudos foram conduzidos (estrutura fatorial, correlação item-total, alfa de Cronbach) e indicaram evidências de validade e precisão do instrumental (Cardoso, 2013).

Quanto a estrutura interna, os resultados do estudo de Cardoso (2013) demonstraram um modelo de 11 fatores que reuniram 90 itens com boas cargas fatoriais, de forma que os fatores foram nomeados de acordo com o conteúdo dos itens reunidos, dando origem aos Pilares de Resiliência. Sendo estes: Fator 1 “Autoeficácia”, composto por 18 itens; Fator 2 “Controle Emocional”, composto por 14 itens; Fator 3 “Autoconfiança”, composto por 13 itens; Fator 4 “Orientação positiva para o Futuro”, composto por 12 itens; Fator 5 “Valores positivos”, composto por 7 itens; Fator 8 “Sociabilidade”, composto por 5 itens; Fator 9 “Aceitação positiva para mudanças”, composto por 4 itens; Fator 10 “Independência”, composto por 5 itens; Fator 11 “Bom Humor”, composto por 5 itens. As correlações item-total tiveram valores considerados satisfatórios, variando entre 0,33 e 0,63, concluindo-se que os 90 itens resultantes estão adequados e corroboram na representatividade do fator. Já na precisão do instrumento, sua consistência interna foi calculada pelo método do alfa de Cronbach, para cada fator separadamente. A maioria dos fatores apresentaram bons índices de precisão, variando entre 0,71 e 0,88, indicando índices de confiabilidade aceitáveis. Entretanto, dois fatores obtiveram índices de precisão abaixo de 0,70, sendo estes os fatores “Aceitação positiva para a mudança” ($\alpha=0,60$) e “Independência” ($\alpha=0,60$). Ainda sim, as autoras optaram por manter estes fatores nos estudos e na elaboração do instrumento (Cardoso, 2013; Cardoso & Martins, 2013).

Escala de Estilos de Pensar e Criar (Wechsler, 2006).

Esta escala é composta por 100 frases, positivas e negativas, que devem ser respondidas dentro de uma escala Likert de 6 pontos indo de "discordo totalmente" a "concordo totalmente",

ligadas a 25 características de natureza cognitiva e afetiva da pessoa criativa. As dimensões avaliadas pelo instrumento são: Fluência, Flexibilidade, Originalidade, Sensibilidade interna e externa, Fantasia, Inconformismo, Independência de julgamentos, Abertura a novas experiências, Pensamento por analogias e metáforas, Ideias elaboradas, Preferência por situações de risco, Alta motivação, Sentido de humor, Impulsividade e espontaneidade, Confiança em si mesmo, Sentido de destino criativo, Persistência, Otimismo, Sensibilidade ambiental, Curiosidade, Honestidade e ética, Energia e dinamismo, Liderança, Tolerância às frustrações, Visionário

Os itens são agrupados de acordo com os cinco estilos a serem analisados: Cauteloso Reflexivo (CR, composto por 32 itens), Inconformista Transformador (IT, com 32 itens), Lógico Objetivo (LO, com 11 itens), Emocional Intuitivo (EI, com 7 itens), e Relacional Divergente (RD com 7 itens). Os três primeiros estilos são apontados como estilos principais e os outros dois como estilos secundários.

O estilo cauteloso/reflexivo refere-se a um estilo em que os indivíduos preferem refletir de modo cuidado e ponderar todas as opções antes de tomar uma decisão. Já o estilo lógico/objetivo aponta para um estilo pragmático e para uma pessoa que prefere tarefas estruturadas. O estilo não conformista/transformador encontra-se numa pessoa dinâmica e idealista e que prefere atividades que impliquem mudar. Por sua vez, o estilo emocional/intuitivo reflete uma pessoa que é guiada por emoções e intuições para tomar uma decisão. Por fim, o estilo relacional/divergente está presente em alguém que tenta, por exemplo, integrar as diversas opiniões de diferentes pessoas para o desenvolvimento de uma tarefa. (Wechsler, 2006).

Uma série de estudos foram conduzidos com o instrumental (estrutura fatorial, correlação item-total, alfa de Cronbach) e indicaram evidências de validade e precisão da

Estilos de Pensar e Criar (Wechsler, 2006). A escala encontra-se validada para uso no Brasil junto a adolescentes e adultos e aprovada pelo Conselho Federal de Psicologia.

Procedimentos

Inicialmente, as pesquisadoras entraram em contato com as empresas, escolas e universidades selecionadas a fim de explicar o objetivo da pesquisa, bem como adquirir sua autorização. Em seguida, os termos de consentimento livre e esclarecidos foram entregues aos participantes, e após o esclarecimento das informações e mediante a assinatura dos termos, as escalas foram aplicadas. A aplicação ocorreu de maneira coletiva, durante duas semanas, sem limite de tempo de resposta, porém com uma média de 30 minutos para responder cada escala.

Plano de Análise de Dados

A análise de dados utilizou do programa SPSS para descrever as variáveis por meio de análises de frequência e dispersão (média e desvio-padrão). Também foram realizadas análises de correlação não paramétrica (ρ de *Spearman*) para investigar as relações entre os estilos de pensar e criar e características resilientes, dada a ausência de normalidade da amostra.

Resultados

A primeira análise realizada visou a estimativa da estatística descritiva de cada um dos instrumentos utilizados na pesquisa. Para isso, na Escala de Pilares de Resiliência foram considerados as onze características que ela avalia, já para a escala Estilos de Pensar e Criar foram estimadas as pontuações nos cinco estilos que a compõem. Os resultados obtidos nessa análise encontram-se na Tabela 1.

Tabela 1.

Estatística descritiva dos instrumentos

Instrumento	Medida	Média	Desvio Padrão
	Aceitação Positiva para Mudança	15,92	2,23
	Autoconfiança	45,90	7,09
	Auto Eficácia	66,80	10,09
Escala dos Pilares de Resiliência	Bom Humor	17,17	3,63
	Controle Emocional	43,40	8,61
	Empatia	15,83	2,74
	Independência	14,78	2,84
	Orientação Positiva para o Futuro	44,49	6,22
	Reflexão	28,99	3,61
	Sociabilidade	17,15	2,16
	Valores Positivos	26,55	2,93
Escala de Estilos de Pensar e Criar	Cauteloso-Reflexivo	86,41	16,96
	Inconformista-Transformador	144,35	15,31
	Lógico-Objetivo	47,03	5,37
	Emocional-Intuitivo	28,49	4,40
	Relacional-Divergente	37,59	3,69

Considerando-se que o número de itens de cada medida varia em ambos os instrumentos, a comparação simples das médias não deve ser realizada, a fim de que evitar que erros de interpretação sejam cometidos. Como exemplo pode-se citar, na escala de criatividade, o estilo Cauteloso-Reflexivo com 32 itens e, em outro oposto, o estilo Relacional-Divergente com somente 7 itens. Tal cuidado pode ser ampliado para o outro instrumental.

A correlação entre as medidas dos dois instrumentos foi estimada (estilos criativos e pilares de resiliência da escala), a partir do uso de teste não paramétrico (Correlação de Spearman), devido ao número reduzido de participantes que compõem a amostra e a ausência de distribuição normal. Considerando-se o grande número de correlações possíveis, dado fato da análise envolver 11 fatores da escala de resiliência e seis estilos criativos, as pesquisadoras optaram por somente apresentar os dados que se mostraram significativos (* $p \leq 0,05$; $p \leq 0,01$). Os resultados são apresentados na Tabela 2.

Tabela 2.

Correlação de Spearman entre as medidas dos instrumentos

Escala de Pilares de Resiliência	Escala de Estilos de Pensar e Criar					
	CR	IT	LO	EI	RD	
APM	-0,279**	0,377**				
AC	-0,551**	0,327**	-0,194*	-0,214*		
AE	-0,373**	0,494**				0,264**
BH		0,226**				
CE	-0,338**	0,241**				
E		0,216*		0,369**		0,214*
I	-0,268**	0,267**	-0,242**			
OPF	-0,198*	0,457**				
R	-0,246**	0,198*				0,389**
S		0,303**				
VP		0,279**	0,181*			0,206*

Legenda: * $p \leq 0,05$; ** $p \leq 0,01$ CR=cauteloso-reflexivo; IT= inconformista-transformador; LO= lógico-objetivo;

EI= Emocional-Intuitivo; RD = Relacional-Divergente

De acordo com a Tabela 2, é possível encontrar diversas correlações significativas entre as medidas, tanto positivas quanto negativas. Destaca-se entre elas o Estilo Inconformista-Transformador, o qual obteve correlações positivas significativas com todas as características da EPR, sendo a mais alta com a medida de Autoestima ($\rho = 0,494$; $p \leq 0,01$) e a mais baixa com a medida de Reflexão ($\rho = 0,198$; $p \leq 0,05$).

O segundo estilo com maior número de correlações significativas foi o Estilo Cauteloso-Reflexivo, mantendo relações negativas junto às medidas de Aceitação Positiva para Mudança ($\rho = -0,279$; $p \leq 0,01$), Autoconceito ($\rho = -0,551$; $p \leq 0,01$), Autoestima ($\rho = -0,373$; $p \leq 0,01$), Controle Emocional ($\rho = -0,338$; $p \leq 0,01$), Independência ($\rho = -0,268$; $p \leq 0,01$), Orientação Positiva para o Futuro ($\rho = -0,198$; $p \leq 0,05$) e Reflexão ($\rho = -0,246$; $p \leq 0,01$). Nos demais estilos, um número menor de correlações significativas com as medidas de resiliência foi encontrado. Podemos observar ainda que a correlação significativa mais alta encontrada foi negativa, encontrada entre o Estilo Cauteloso Reflexivo e o Autoconceito ($\rho = -0,551$; $p \leq 0,01$); e a correlação significativa mais baixa foi entre o Estilo Lógico-Objetivo e Valores Positivos ($\rho = 0,181$; $p \leq 0,01$).

Discussão

O presente estudo teve como objetivo investigar as relações entre os estilos de pensar e criar e os pilares de resiliência em adultos, buscando-se verificar empiricamente essa possível associação através da busca de evidências de validade pela relação com testes que avaliam construtos relacionados. Nesse sentido, procurou avaliar as possíveis associações entre os onze pilares de resiliência avaliados pela Escala Pilares de Resiliência (Cardoso & Martins, 2013) e os cinco estilos da Escala Estilos de Pensar e Criar (2006), esperando-se, pela natureza do

estudo, índices de correlações baixas e moderados, com valores entre 0,20 e 0,50 (Nunes & Primi, 2010).

No estudo apresentado, a Escala de Estilos de Pensar e Criar foi selecionada para ser utilizada na avaliação da criatividade, possibilitando a investigação da convergência com a Escala Pilares da Resiliência. Importante destacar que ambos os instrumentos selecionados demonstram semelhanças em sua apresentação uma vez que se constituem enquanto escalas de autorrelato com adequação para uso em adultos e buscam uma avaliação qualitativa do sujeito, se aproximando de aspectos como características e tendências de comportamento, sejam estas criativas ou resilientes. Especificamente em relação aos estilos, tal medida tem sido utilizada para apontar diferenças mais qualitativas do que quantitativas entre as pessoas (López & Casullo, 2000), visto que os mesmos representam um conjunto de preferências, não sendo usados para prever o grau de criatividade (nível), mas sim sua natureza (Lubart, 2007). Pelas semelhanças, as pesquisadoras hipotetizaram resultados que indicassem correlações significativas entre os escores dos instrumentos.

Dentre os estilos estudados na presente pesquisa percebe-se que o estilo que mais apresentou correlações significativas com resiliência é o Inconformista-Transformador. Tal estilo agrega sujeitos com um perfil questionador, os quais são vistos como sujeitos dinâmicos, sonhadores, espontâneos e otimistas. Pessoas com este perfil tendem a agir motivadas por suas ideias, possuindo alto grau de sociabilidade e liderança, preferindo realizar várias tarefas ao mesmo tempo, assim como solucionar problemas de forma incomum, muitas vezes utilizando a imaginação. Este perfil também é caracterizado por pessoas que tem alta confiança em si, questionando formas de pensar e agir, sentindo-se altamente motivado por suas ideias, possuindo um sentido de missão criativa (Wechsler, 2006).

Ao destacar este estilo, não é de se espantar que tenha apresentado correlações positivas significativas com todas as medidas da Escala Pilares de Resiliência. Considerando-se os

resultados significativos, pode-se afirmar a aproximação entre as características que definem um sujeito com o estilo Inconformista-Transformador como uma pessoa com uma boa Autoconfiança ($\rho=0,327$; $p=0,01$) confirmando a descrição de alta confiança em si, disposta a aceitar positivamente mudanças (Aceitação Positiva para Mudanças; $\rho=0,377$; $p=0,01$) relacionando-se ao dinamismo típico desse estilo, com um bom senso de Autoeficácia ($\rho=0,494$; $p=0,01$) relacionado à característica de motivação e sentido de missão criativa que caracterizam o estilo descrito. Apresentaram também relação entre Bom Humor ($\rho=0,226$; $p=0,01$) e uso da imaginação, espontaneidade, sendo sonhadores, que contém um elevado nível de Controle Emocional ($\rho=0,241$; $p=0,01$) e Empatia ($\rho=0,216$; $p=0,05$), os quais combinam com a descrição de alto grau de liderança desse estilo, podendo também ser descrito como uma pessoa Independente ($\rho=0,267$; $p=0,01$) pela alta confiança em si, típica desse estilo. O pilar da resiliência chamado de Sociabilidade ($\rho=0,303$; $p=0,01$) também vai ao encontro do alto grau de sociabilidade descrito no estilo inconformista-transformador, assim como o pilar Reflexão ($\rho=0,198$; $p=0,05$), representado por um perfil questionador, questionando formas de pensar e agir. Por fim, destaca-se o um senso de moralidade (Valores Positivos; $\rho=0,279$; $p=0,01$) e visualização do futuro de forma otimista (Orientação Positiva para o Futuro; $\rho=0,457$; $p=0,01$), relacionados ao otimismo presente no estilo.

Outro estilo que apresentou um grande número de correlações significativas com a maioria dos pilares de resiliência foi o Cauteloso-Reflexivo, sendo todas as relações de natureza negativa. O estilo Cauteloso-Reflexivo agrega indivíduos prudentes, organizados, reflexivos, com baixo nível de assertividade, que gostam de trabalhar sozinhos, não se expondo a condições onde exista risco e demoram em agir pelo fato de pensar demasiadamente. Sujeitos com este estilo tem dificuldade de expressar suas opiniões, relutando sobre a importância de suas ideias e preferem trabalhar com situações conhecidas onde existem regras e métodos, pois não gostam de mudança de rotina ou situações de risco (Wechsler, 2006). Esta descrição vai

de encontro aos resultados obtidos no estudo 1, em que indivíduos com este estilo teriam dificuldade em aceitar mudanças (Aceitação Positiva a Mudanças; $\rho = -0,279$; $p=0,01$) sendo compatível com a descrição de serem prudentes e preferindo trabalhar com situações conhecidas, não gostando de mudança de rotina típicas desse estilo. A relação negativa com Autoconfiança ($\rho = -0,551$; $p=0,01$) também pode ser interpretada perante as características de pensar demasiadamente, dificuldade em expressar opiniões e relutância em expor suas ideias. Também negativamente, relacionaram-se Autoeficácia ($\rho = -0,373$; $p=0,01$) e Controle Emocional ($\rho = -0,338$; $p=0,01$), combinando com os descritores que caracterizam tal estilo, sendo eles baixa assertividade e prudência. O pilar Reflexão ($\rho = -0,246$; $p=0,01$), Independência ($\rho = -0,268$; $p=0,01$) e visão um pouco pessimista do futuro (Orientação Positiva para o Futuro; $\rho = -0,198$; $p=0,05$), também relacionados de forma negativa com o estilo CR, confirmam as características dos indivíduos com tal estilo predominante, a saber, gostar de trabalhar sozinho, prudência e pensar demasiadamente.

Por ser um estilo caracterizado por uma acentuada cautela ao tomar atitudes, um sujeito com este funcionamento poderia afastar-se de cargos que exigem uma responsabilidade maior como cargos de liderança (Godoy, Otatti & Noronha, 2010), lembrando que Wechsler (2008) aponta a liderança como uma das diversas características existentes dentro da criatividade. Nota-se que as autoras Nogueira, Almeida, Garcês, Pocinho e Wechsler, (2015) encontraram uma correlação negativa entre o estilo inconformista/transformador e o estilo cauteloso/reflexivo, o que indicaria a possibilidade destes dois estilos remeterem para características de personalidade diferentes, e as estudaram a partir da perspectiva de dois eixos extremos pertencentes a um fator único. Tal constatação embasa os resultados aqui relatados visto que o estilo IT apresentou correlações positivas e significativas com a maior parte das medidas de resiliência e o estilo CR apresentou resultados opostos, mostrando-se relacionado também a maior parte das medidas, mas de forma negativa.

Já o estilo Lógico-Objetivo se relacionou negativamente com a Autoconfiança ($\rho = -0,194$; $p=0,05$) e a Independência ($\rho = -0,242$; $p=0,01$). Este estilo caracteriza uma pessoa que utiliza a lógica e objetividade em primeiro lugar, preferindo trabalhar com tarefas estruturadas e evitando improvisações. Este estilo também gosta de seguir regras, sendo bem persistente em suas ações, refletindo bastante antes de agir e controlando suas emoções. Considerando que uma autoconfiança negativa está atrelada ao quanto o sujeito se abala diante de críticas, não conseguindo sentir-se seguro quanto suas qualidades e uma pessoa dependente muitas vezes pode sentir-se isolado e sente-se subordinada a outros, o estilo lógico-objetivo poderia influenciar essas características, uma vez que o indivíduo teria uma postura mais 'passiva' que preferiria seguir regras do que confrontar outros em determinadas situações.

O estilo Emocional-Intuitivo se caracteriza pelo predomínio das emoções em detrimento da razão, utilizando da empatia como recurso facilitador da comunicação em grupo, tendendo a agir intuitivamente utilizando um nível elevado de fantasia e imaginação. Este estilo descreve um sujeito curioso, porém, por outro lado, têm comportamentos impulsivos, seguindo muitas vezes seu estado emocional como indicador para tomar decisões. Por isso, não se espanta quando este estilo se relacionou positivamente com o pilar Empatia ($\rho = 0,369$; $p=0,01$) no estudo 1 e negativamente com Autoconfiança ($\rho = -0,214$; $p=0,05$), de forma que a autoconfiança está diretamente relacionada a uma pessoa que se abate a críticas, gerando fortes respostas emocionais.

O estilo Relacional-Divergente envolve pessoas flexíveis, com facilidade de liderar grupos, que utilizam naturalmente da analogia e metáforas para se comunicar melhor com outros, sendo aberto a novas ideias e aceitando situações de risco. No estudo, este estilo se relacionou positivamente aos pilares Autoeficácia ($\rho = 0,264$; $p=0,01$), Empatia ($\rho = 0,214$; $p=0,05$), Reflexão ($\rho = 0,389$; $p=0,01$) e Valores Positivos ($\rho = 0,206$; $p=0,05$). Bandura (1997) aponta que a autoeficácia refere-se à crença e percepção do indivíduo sobre suas próprias

capacidades, sentindo-se confiante para ter iniciativa na resolução de problemas relacionados à família, ao trabalho e aos problemas pessoais (Cardoso & Martins, 2013), e assim como o pilar Empatia, no qual o sujeito é capaz de compreender as razões e emoções do outro, se relaciona ao Estilo Relacional-Divergente. Da mesma forma, a Reflexão é caracterizada como um fator ligado à distância que o sujeito dá diante de determinadas situações para encontrar as melhores soluções, conseguindo refletir sobre as razões que levam alguém a agir de determinado modo. Por fim, os Valores Positivos estão ligados ao conceito de moralidade proposto por Wolin e Wolin (1993), Melillo, Estamatti e Cuestas (2005) e Cardoso e Martins (2013), que diz respeito a qualidade de se comprometer com valores e de estender o desejo pessoal de bem-estar para outros, caracterizando um sujeito bem-intencionado, com bom senso de comunidade e disposto a relacionar-se com outros.

Wechsler (2013) aponta os estilos como formas preferenciais de pensar das quais os sujeitos utilizam em determinadas circunstâncias, permitindo aos avaliadores compreenderem tendências de comportamentos (Nakano, 2010; Siqueira & Wechsler, 2009). Deve-se esclarecer, entretanto, que a compreensão de “estilos” abrange os conceitos de personalidade, habilidades ou traços, pois estariam relacionados a possibilidade de ação e pensamento, sendo um elo entre o funcionamento cognitivo e emocional (Wechsler, 2009). Considerando-se que a resiliência pode ser definida por alguns traços de personalidade, ainda que as autoras do instrumento utilizado não a compreendam dessa forma, a relação entre os diferentes estilos de pensar e criar e diversos pilares de resiliência pode ser compreendida.

Do mesmo modo, convém destacar que, no levantamento dos estudos para a criação da Escala Pilares de Resiliência, as autoras (Cardoso & Martins, 2013) organizaram os atributos da resiliência mais citados na literatura científica, em um total de 15 características, com base nos autores: Wagnald e Young (1993), Wolin e Wolin (1993), Masten e Cicchetti (2010), Tagle V (1996), Ojeda e Melillo (2008), Hurtes e Allen (2001), Richardson (2002), Sinclair e

Wallston (2004), Lévano (2005), Rodriguez, Hórtua e Chibuque (2007) e Menezes, López e Delvan (2010). Dentre tais características, a criatividade foi definida como uma delas.

Posteriormente, a definição dos pilares de resiliência foi realizada através de uma análise fatorial confirmatória, a qual apontou para a existência onze fatores, conhecidos como pilares. A partir dessa análise, verificou-se que os itens referentes à criatividade teriam sido distribuídos dentre os fatores Autoeficácia, Autoconfiança e Orientação Positiva para o futuro (Cardoso, 2013; Cardoso & Martins, 2013). Considerando-se que tais pilares de se relacionaram significativamente com os estilos, a convergência entre o conteúdo da criatividade envolvido nos dois instrumentos se confirmou.

A definição de autoeficácia engloba a crença e percepção do indivíduo sobre suas próprias capacidades, atrelando a confiança do sujeito em a partir de seus atos a fim de gerar resultados desejados. Destaca-se que esta crença não está relacionada às habilidades que o sujeito possui, mas no seu julgamento sobre tais (Cardoso, 2013; Cardoso & Martins, 2013). Nota-se que dos 18 itens deste fator, 8 itens foram construídos referentes às características criativas, desta forma, compreende-se os resultados encontrados anteriormente no estudo 1, em que existiam altas correlações entre a maioria dos Estilos (sendo estes Crítico-Reflexivo, Inconformista-Transformador e Relacional Divergente) com este fator. A correlação positiva mais alta do primeiro estudo foi encontrada entre este fator com o estilo Inconformista-Transformador, pelo qual se caracteriza pela busca soluções de problemas de forma incomum, sendo o estilo mais próximo de um perfil criativo ideal (Caetano, 2014). Já uma correlação negativa significativa foi encontrada entre o pilar Autoeficácia e o estilo Crítico-Reflexivo, sendo possível considerar que a característica cautelosa e ruminativa deste estilo seja um indicador que possa barrar comportamentos autenticamente criativos e altere a percepção do indivíduo sobre suas próprias capacidades.

Esta relação encontrada vai de encontro ao grande número de correlações negativas significativas deste estilo, de forma que se destaca a correlação negativa significativa mais alta encontrada com o pilar Autoconfiança ($\rho = -0,551$; $p=0,01$), a qual refere-se à postura do sujeito em acreditar que pode se colocar diante de qualquer situação, possibilitando defender-se de ideias e aceitar críticas sem diminuir seu valor em relação aos outros. Isto vai de encontro em como o estilo cauteloso-reflexivo poderia influenciar as escolhas, de forma que a falta de iniciativa em se arriscar em determinadas situações poderia relacionar-se a confiança e o quanto que o sujeito acredita em si mesmo. Nota-se também que este pilar foi o que teve correlação com a maioria dos estilos, além do Crítico Reflexivo, como Inconformista-Transformador ($\rho = 0,327$; $p=0,01$), Lógico objetivo ($\rho = -0,194$; $p=0,05$) e Emocional-Intuitivo ($\rho = -0,214$; $p=0,05$) Como a autoconfiança estaria ligada ao se sentir à vontade para realizar suas tarefas pois sua base seria ter segurança sobre si mesmo, poderia estar diretamente relacionado ao potencial espontâneo do sujeito, tendo segurança de si sem delimitar barreiras em seus comportamentos e sentimentos.

A Orientação Positiva para o Futuro refere-se à pessoa que pensa positivamente em relação aos acontecimentos de sua vida, tendo objetivos claros e lutando para concretizá-los, mantendo-se motivado e positivo para realizar tarefas. Este pilar poderia relacionar-se com o conceito de otimismo, direcionado às expectativas positivas sobre eventos futuros, onde indivíduos otimistas esperam que coisas boas acontecerão a eles, enquanto os pessimistas esperam coisas ruins acontecerem (Bastianello, Pacico & Hutz, 2014). Autores como Carlomagno, Natividade, Oliveira e Hutz (2014), De Carloi e Sagone (2014a, 2014b) e Hernández, Méndez e Garber (2015) apontam as existentes relações entre variáveis intimamente ligadas ao otimismo e a criatividade, argumentando que o estilo explicativo otimista de um sujeito poderia estar ligado ao perfil criativo do sujeito. Isto explicaria a alta correlação positiva dada deste pilar com o estilo Inconformista-Transformador ($\rho = 0,457$;

$p=0,01$) e a correlação negativa com Crítico-Reflexivo ($\rho = -0,198$; $p=0,05$), uma vez que um sujeito com o estilo crítico-reflexivo se mostra como prudente e realista comparado a um sujeito com o outro estilo que se mostra como inspirado e sonhador, demonstrando-se muito mais otimista diante da realidade.

Perante os resultados encontrados, os quais confirmaram, em sua maior parte, a hipótese de que os estilos de pensar e criar estariam relacionados, de forma moderada, com os pilares de resiliência, algumas ressalvas devem ser feitas. A primeira delas diz respeito ao fato de que, ambos os construtos avaliados ainda se mostram não consensualmente definidos na literatura científica. Em relação à resiliência, as divergências se marcam principalmente em relação à apropriação do termo para as ciências humanas (Carvalho, Teodoro & Borges, 2014; Godoy, Joly, Piovezan, Dias & Silva, 2010; Poletto & Koller, 2008; Yunes & Szymanski, 2001), sendo que suas definições ainda se encontram em construção e debate (Cicchetti & Curtis, 2007; Infante, 2005; Junqueira & Deslandes, 2003; Mukherjee & Kumar, 2017; Ungar, 2012). Segundo a literatura, a resiliência ainda não apresenta uma definição consensual nem uma tradição empírica consistente (Brandão, Mahfoud & Giardonoli-Nascimento, 2011; Carvalho, Teodoro & Borges, 2014; Cecconello, 2003; Junqueira & Deslandes, 2003; Kumar, 2017; Masten, 2001; Masten & Cicchetti, 2010; Poletto & Koller, 2011; Reppold *et al*, 2012; Rutter, 2006, Ungar, 2012). Há, também inúmeras implicações metodológicas decorrentes desta variabilidade conceitual, de modo que há limitações que se apresentam como desafios a serem superados em âmbitos referentes à pesquisa e à prática da resiliência, que incluem não somente a definição, mas também a medição e a interpretação (Prince-Embury, 2013; Reppold *et al*, 2012). Na presente pesquisa, podem ser destacados dois aspectos: a seleção do instrumento pressupõe a adoção de um determinado modelo teórico que o ampara. Assim, resultados bastante diferentes poderiam ter sido encontrados caso outro modelo teórico tivesse sido

utilizado, bem como outra medida. Sugere-se, nesse sentido, que as generalizações sejam relativizadas.

Em segundo lugar, importante constatação e limitação do estudo aqui apresentado se refere ao instrumento utilizado para avaliação da resiliência. Ainda que a escolha tenha sido feita baseando-se no critério de conveniência, visto que somente o instrumento selecionado se encontra disponível comercialmente para avaliação desse construto, o mesmo não é considerado, segundo suas autoras e a editora responsável pela sua comercialização, enquanto teste psicológico, ainda que tal construto venha sendo considerado como traços de personalidade. Desse modo, suas qualidades psicométricas não foram avaliadas pelo Conselho Federal de Psicologia, restando dúvida acerca da sua cientificidade. Nesse sentido, uma das maiores críticas envolve o fato de que, ainda que as autoras argumentem que, no referido instrumento, a resiliência é considerada enquanto um processo, ela acaba sendo avaliada enquanto um conjunto de traços de personalidade. Tal incongruência, a qual envolve dúvidas em relação à efetividade desse instrumento enquanto medida de resiliência, novamente aponta para a necessidade de cuidado na interpretação e generalização dos resultados aqui relatados.

Igualmente, a definição de estilos criativos ainda se mostra não totalmente definida, uma vez que eles precisam ser melhor distinguidos das habilidades intelectuais, pensamento divergente, processos ou características de personalidade e de resolução de problemas (Kirton, 1999; Puccio *et al*, 2007; Wechsler & Bryne, 2016). Convém diferenciar, no entanto, estilos criativos e a criatividade em si. Wechsler (2006) aponta a importância de distinguir "estilos criativos" de "níveis de criatividade", como enfatizado por Kirton (1999). Historicamente, as pessoas criativas têm sido estudadas de acordo com o nível ou a quantidade de ideias criativas apresentadas sobre testes de pensamento divergente ou em toda a sua produção criativa. No entanto, a noção de estilos criativos traz outra dimensão para a compreensão do pensamento criativo, como eles estão relacionados com a diversidade de formas que a criatividade pode ser

expressa, não a quantidade ou o nível de ideias criativas, indicando, assim, que não há uma forma única de ser criativo (Puccio, Murdock & Mance, 2007; Wechsler, 2009)

Considerando-se seu construto mais amplo, a criatividade, verifica-se que o mesmo é marcado pelo grande número de definições e enfoques (Lubart, 2007; Nakano & Wechsler, 2006; Wechsler, 2008), envolvendo capacidade intelectual, conhecimento, estilos de pensamento, personalidade, motivação e ambiente (Runco, 2010; Sternberg, 2006). Entretanto, embora já se tenha caminhado para a compreensão do tema no último século, a sua avaliação ainda é alvo de polêmicas e discussões até a presente época, notadamente envolvendo a sua medida (Wechsler & Nakano, 2006). Encontrar uma forma adequada de se medir os construtos, incluindo então a criatividade, de forma a reduzir as desconfianças da validade da medida (principalmente pela subjetividade atribuída à criatividade e a amplitude do conceito), tem sido objetivo de muitos pesquisadores (Nakano & Wechsler, 2012).

Desse modo, perante o exposto, algumas semelhanças teóricas e conceituais se fazem notar entre os construtos: ambos se encontram valorizados dentro do movimento da Psicologia Positiva, enfatizam aspectos positivos individuais, valorização de potencialidades por meio da promoção de capacidades, talentos e recursos próprios do indivíduo (Seligman & Csikszentmihalyi, 2000). Igualmente, se mostram construtos ainda em processo de fortalecimento na Psicologia, necessitando de mais investimentos por parte dos pesquisadores, notadamente na tentativa de encontrar uma definição consensual, concordância em relação aos seus elementos constituintes e formas de avaliação.

Estudo 2: Evidências de validade baseadas nas relações com variáveis externas

Novamente, considerando a hipótese inicial, busca-se estudar a possível associação de dois instrumentos psicológicos que avaliem construtos relacionados, sendo estes a criatividade e a resiliência. A diferença entre o estudo aqui apresentado e o Estudo 1 ampara-se no tipo de instrumento de avaliação da criatividade que foi selecionado. O Teste Pensando Criativamente com Palavras – Testes de Torrance enfatiza uma avaliação quantitativa do construto através de tarefas de desempenho criativo, permitindo assim, a comparação do nível de criatividade do sujeito com outros em iguais condições. Buscar-se-á verificar se, alguma das características criativas propostas por Torrance se relaciona mais diretamente com as medidas da escala de resiliência.

Participantes

A amostra foi composta por 101 participantes, com participantes diferentes do estudo 1, selecionados por conveniência, provenientes de diversas instituições como empresas de pequeno porte, escolas de ensino médio e faculdades localizadas no interior do estado de São Paulo. Dos participantes, 66% (n=67) eram do sexo feminino, com idades entre 18 e 65 anos (M = 28,83 e DP = 11,63), sendo 18% (n=9) com escolaridade correspondente ao ensino médio, 56% (n=28) com ensino superior completo, 12% (n=6) com ensino superior incompleto e 10% de pós-graduados (n=5).

Instrumentos

Teste Escala de Pilares de Resiliência - EPR (Cardoso & Martins, 2013)

Descrita anteriormente no Estudo 1. A EPR é formada por 90 itens, que avaliam 11 fatores, classificados em diferentes níveis: muito baixo, baixo, médio, alto e muito alto. As

características avaliadas que compõem o instrumento são: Auto Eficácia, Controle Emocional, Autoconfiança, Orientação Positiva para o Futuro, Valores positivos, Empatia, Reflexão, Sociabilidade, Aceitação Positiva para Mudança, Independência e Bom Humor.

Teste Pensando Criativamente com Palavras – testes de Torrance (Wechsler, 2004).

Este teste, em sua forma verbal, é composto por seis atividades, sendo que as três primeiras se relacionam com uma mesma figura apresentada. Na primeira atividade devem ser feitas perguntas, na segunda atividade é preciso adivinhar as causas que ocasionaram a figura e a terceira atividade solicita que o indivíduo proponha consequências a respeito da figura. Na atividade 4 é apresentado um elefante de brinquedo e, solicita-se que sejam propostas melhorias para seu uso por crianças. Na quinta atividade é pedido que sejam escritas novas formas de utilização de caixas de papelão. E, na última atividade é apresentada uma situação considerada impossível, sendo pedidas respostas escritas sobre o que aconteceria se a mesma se tornasse verdadeira. O tempo estimado para resposta é de 45 minutos.

Os indicadores de criatividade verbal são categorizados da seguinte maneira: 1) Fluência: quantidade de ideias expressas nas frases; 2) Flexibilidade: diversidade no tipo de ideia apresentada; 3) Originalidade: ideias incomuns; 4) Expressão de Emoções: presença de palavras contendo sentimentos ou emoções; 5) Elaboração: detalhamento ou embelezamento da ideia por meio de adjetivos, descrições ou onomatopeias 6) Perspectiva incomum: perguntas fora do contexto das figuras apresentadas; 7) Fantasia: menção de seres imaginários; 8) Analogias/metáforas: comparação de ideias de forma metafórica. Posteriormente, os indicadores considerados cognitivos (fluência, flexibilidade, elaboração e originalidade) são somados, dando origem ao Índice Criativo Verbal I, características cognitivas. A soma de todas as características também é realizada, dando origem ao Índice Criativo Verbal II, indicador dos aspectos cognitivos e emocionais da criatividade.

Uma série de estudos foram conduzidos (critério, correlação item-total, alfa de Cronbach, precisão por teste-reteste) com o instrumental e indicaram evidências de validade e precisão do teste Pensando Criativamente com Palavras – Testes de Torrance (Wechsler, 2004) para uso na população brasileira, visto que o teste tem origem internacional (Torrance, 1974) e foi adaptado para uso no país. A escala encontra-se validada para uso no Brasil junto a adolescentes e adultos e aprovada pelo Conselho Federal de Psicologia.

Procedimentos

Inicialmente, as pesquisadoras entraram em contato com as escolas e universidades selecionadas a fim de explicar o objetivo da pesquisa, bem como adquirir sua autorização. Em seguida, os termos de consentimento livre e esclarecidos foram entregues aos participantes, e após o esclarecimento das informações e mediante a assinatura dos termos, os instrumentos foram aplicados. A aplicação ocorreu de maneira coletiva, sendo que foi iniciada pelo teste de criatividade (Pensando Criativamente com Palavras devido ao fato do mesmo exigir controle de tempo de resposta para cada atividade), seguido pela aplicação da Escala Pilares de resiliência, sem limite de tempo.

Plano de Análise de Dados

A análise de dados utilizou do programa SPSS para descrever as variáveis por meio de análises de dados referentes à estatística descritiva (mínimo, máximo, média e desvio-padrão). Também foram realizadas análises de correlação não paramétrica (ρ de *Spearman*) para investigar as relações entre o desempenho criativo dos participantes e suas características resilientes, dada a ausência de normalidade dos dados.

Resultados

Assim como realizado no estudo anterior, foi realizada a estimativa da estatística descritiva dos instrumentos Escala de Pilares de Resiliência, considerando as onze dimensões que ela avalia, e do teste Pensando Criativamente com Palavras – Testes de Torrance, considerando as oito características que a compõem e os dois índices criativos. Os resultados obtidos nessa análise encontram-se na Tabela 3.

Tabela 3.

Estatística descritiva dos instrumentos

	Medida	Mínimo	Máximo	Média	Desvio Padrão
Escala de Pilares de Resiliência	Aceitação Positiva para Mudança	8,0	20,0	16,04	2,39
	Autoconfiança	29,0	60,0	45,26	7,92
	Auto Eficácia	42,0	91,0	66,88	9,46
	Bom Humor	9,0	25,0	17,89	3,66
	Controle Emocional	18,0	61,0	42,91	8,99
	Empatia	7,0	20,0	15,72	2,78
	Independência	7,0	20,0	14,47	3,13
	Orientação Positiva para o Futuro	29,0	102,0	44,59	8,24
	Reflexão	19,0	35,0	29,33	3,79
	Sociabilidade	8,0	20,0	17,01	2,48
	Valores Positivos	20,0	30,0	26,88	2,29
ICV_1	18,0	215,0	105,90	42,31	
ICV_2	18,0	223,0	113,03	45,71	

Pensando Criativamente com Palavras	Fluência	11,0	119,0	56,96	23,76
	Flexibilidade	5,0	63,0	22,85	9,39
	Elaboração	0,0	50,0	10,24	9,46
	Originalidade	0,0	51,0	15,84	11,26
	Emoção	0,0	12,0	2,28	2,55
	Fantasia	0,0	19,0	2,66	3,47
	Perspectiva Incomum	0,0	8,0	1,87	2,01
	Analogia	0,0	5,0	0,30	0,88

Destaque pode ser dado, no entanto, à existência de pontuação zero em várias características criativas, notadamente aquelas que envolvem características consideradas emocionais. Como apontado anteriormente, o número de itens de cada medida varia em ambos os instrumentos, desta forma não é indicado a comparação simples entre as médias. Entretanto, vê-se a importância de apresentar os escores por característica na Tabela, para que seja realizado em um segundo momento, os resultados da Correlação de *Spearman* entre os dois instrumentos possam ser melhor compreendidos. Nota-se que foi empregado novamente este recurso devido ao número reduzido de participantes que compõem a amostra e a ausência de distribuição normal. Os resultados são apresentados a seguir na Tabela 4.

Tabela 4.

Correlação de Spearman entre as medidas da EPR e Pensando Criativamente com Palavras

	ICV_1	ICV_2	Flu	Flex	Elab	Orig	Emo	Fant	PInc	Anal
APM	0,012	0,024	0,027	-0,001	0,131	0,021	0,141	0,005	0,133	-0,072
AC	-0,019	-0,034	0,009	0,021	-0,072	-0,129	-0,112	-0,059	-0,014	-0,104
AE	0,178	0,167	0,156	0,147	0,127	0,095	-0,010	-0,036	0,063	-0,098
BH	0,116	0,101	0,090	0,145	0,047	0,086	-0,160	-0,067	-0,009	0,080
CE	0,012	-0,011	-0,020	0,074	0,089	-0,079	-0,167	-0,221*	-0,072	-0,013
E	0,031	0,047	-0,032	0,016	0,105	-0,023	0,043	-0,061	0,121	0,019
I	0,098	0,078	0,048	0,094	0,112	0,074	-0,161	-0,083	-0,067	-0,049
OPF	-0,060	-0,075	-0,041	-0,062	-0,036	-0,149	-0,037	-0,126	-0,101	-0,220*
R	0,064	0,066	0,012	0,088	0,151	-0,014	-0,027	-0,047	0,137	0,080
S	0,083	0,079	0,065	0,049	-0,028	0,023	0,058	-0,095	-0,115	-0,048
VP	0,035	0,031	0,016	0,044	0,057	-0,096	0,045	-0,101	-0,067	-0,120

Legenda: * $p \leq 0,05$; ** $p \leq 0,01$. CR=cauteloso-reflexivo; IT= inconformista-transformador; LO= lógico-objetivo; EI= Emocional-Intuitivo; RD = Relacional-Divergente; APM=Aceitação Positiva para Mudança; AC=Autoconfiança; AE=Auto Eficácia; BH=Bom Humor; CE=Controle Emocional; E=Empatia; I=Independência; OPF=Orientação Positiva para o Futuro; R=Reflexão; S=Sociabilidade; VP=Valores Positivos.

De acordo com a Tabela 4, vemos que, a maior parte dos resultados apontou para a inexistência de correlações significativas entre as características criativas do teste Pensando Criativamente com Palavras – Testes de Torrance e os pilares de resiliência da EPR. Somente dois resultados se mostraram significativos, sendo importante destacar que o sentido, de ambos, foi de correlação negativa. O primeiro deles foi entre a característica de Fantasia do teste de

Torrance e a medida de Controle Emocional da EPR ($\rho = -0,221$; $p \leq 0,05$) e, o segundo, entre Analogias e Orientação Positiva para o Futuro da EPR ($\rho = -0,220$; $p \leq 0,05$). Interessantemente, nenhum dos índices criativos verbais se mostrou associado, de maneira significativa, com nenhuma das medidas de resiliência.

Discussão

Diferentemente dos resultados encontrados no Estudo 1, em que a maior parte dos estilos criativos e resilientes se mostraram relacionadas, de maneira significativa, positivamente ou negativamente, os resultados do Estudo 2 se mostraram menos representativos, em termos de associação entre os construtos.

Ao se utilizar o teste de Torrance que propõe a identificação da produção criativa do sujeito através de tarefas de desempenho, poucas correlações significativas entre as características criativas do teste de Torrance com os Pilares de Resiliência foram encontradas. Elas aconteceram, de forma significativa e negativa, em relação às características de Fantasia ($\rho = -0,021$; $p \leq 0,05$) e Uso de Analogia e Metáforas ($\rho = -0,220$; $p \leq 0,05$), com os pilares Controle Emocional e Orientação Positiva para o Futuro, respectivamente. Importante destacar que as duas características criativas que se mostraram relacionadas à resiliência são definidas, no modelo que embasa o instrumento, como características emocionais criativas (Torrance, 1974).

Novamente, perante os resultados, a cientificidade da medida de resiliência adotada pode ser questionada. Se considerarmos que ambas as medidas utilizadas para avaliação da criatividade indicaram resultados bastante diferentes nos Estudos 1 e 2, sendo, no primeiro, mais evidenciada a relação entre criatividade e resiliência e, no segundo, tal relação se mostrou praticamente inexistente, a desconfiança em relação à medida de resiliência novamente se justifica. Como resultados tão diferentes podem ter sido encontrados?

Diferente do hipotetizado, a maior parte das medidas dos construtos não se mostraram relacionadas. Em parte, tal resultado pode ser interpretado tomando-se, como parâmetro, a

diferenciação entre o formato de ambos os instrumentos. Enquanto a Escala de Pilares de Resiliência consiste em uma escala de autorrelato, a qual o respondente deve ler o conteúdo de cada item, julgando o quanto ele concorda ou se identifica com o mesmo, o Teste de Torrance caracteriza-se como um teste de desempenho, em que uma série de tarefas é apresentada ao sujeito, o qual deve elaborar o maior número de soluções possíveis. Em comum, apresentam somente o fato de que ambos avaliam os construtos por meio do formato verbal. Tal diferenciação entre as tarefas a serem realizadas pelo sujeito podem envolver diferentes demandas cognitivas e emocionais, se mostrando, portanto, pouco relacionadas. Uma investigação dessa hipótese poderá ser, futuramente, realizada, por meio da utilização de outros instrumentos de avaliação da criatividade e resiliência, verificando-se, por exemplo, se o formato da medida exerceu importante influência nos resultados acerca da relação entre os construtos.

Nota-se que 4 psicólogos realizaram a correção do instrumento Pensando Criativamente com Palavras de Torrance, sendo necessário ter um breve treinamento uma vez que este teste se mostra ‘sensível’ a mudança entre corretores. Tal variável pode ter exercido alguma influência nos resultados apresentados.

Outra questão que pode ser, em parte respondida, seria se considerarmos que a Escala de Estilos de Pensar e Criar foi validada tendo, como base, suas evidências de validade convergente confirmadas a partir do uso dos Testes de Torrance (Wechsler, 2006). Se, em tais estudos, os resultados de ambas as medidas se mostraram relacionados, como, no estudo aqui apresentado, eles poderiam ter se mostrado tão diferentes?

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa teve, como objetivo principal, investigar a relação entre criatividade e resiliência, quando tais construtos são considerados dentro de modelos multidimensionais. Para isso, dois estudos foram conduzidos, utilizando diferentes instrumentos de avaliação da criatividade. Uma primeira medida, mais qualitativa, envolveu a avaliação dos estilos de pensar e criar e a consequente classificação do resultado do sujeito em cinco estilos, identificando-se seu principal. A segunda medida, quantitativa, representada por meio de um instrumento de criatividade verbal, possibilita, por sua vez, a análise do desempenho do sujeito em relação a uma amostra normativa.

A escolha por dois diferentes formatos de instrumentos de avaliação da criatividade deu-se com o objetivo de melhor explorar a relação tal construto e o construto da resiliência, de modo a verificar ainda se, dependendo do tipo e/ou aspecto de criatividade envolvida, alterava as relações encontradas. Para isso, certo cuidado na seleção dos instrumentos foi tomado. Dentre os selecionados para avaliação da criatividade, ambos apresentaram evidências de validade, precisão e normatização para uso na população brasileira (Almeida, *et al.*, 2008; Cardoso, 2013; Cardoso & Martins, 2013; Nakano, 2010; Nakano *et al.*, 2010; Nakano & Wechsler, 2006; Siqueira & Wechsler, 2009; Wechsler 2004, 2006, 2009, 2010, 2016; Wechsler & Byrne, 2017), estando aprovados para uso pelo Conselho Federal de Psicologia.

O mesmo cuidado não foi possível em relação à avaliação da resiliência, visto que, o Brasil, não conta, até o momento, nenhum instrumento psicológico de medida desse construto que esteja aprovado pelo CFP. A escala selecionada é o único instrumento disponível comercialmente não sendo classificado, segundo as suas autoras, como psicológico. Segundo as autoras, a resiliência “definitivamente não se constitui um traço de personalidade” (Cardoso & Martins, sem data). Sob tal argumento, tal instrumento não teria sido encaminhado para

avaliação do Conselho Federal de Psicologia (CFP) já que a “a escala não avaliar resiliência enquanto construto psicológico atrelado à personalidade, e sim, enquanto atitude que pode facilitar ao indivíduo ter uma conduta resiliente”.

Considerando o Estudo 1, correlações significativas entre as medidas da Escala Pilares de Resiliência e os Estilos de Pensar e Criar foram encontradas, podendo-se afirmar que, quanto à medida criativa qualitativa, a hipótese inicial foi confirmada, demonstrando relações entre os construtos. Já o Estudo 2 não demonstrou evidências suficientes de que existem relações entre características do instrumento quantitativo (teste verbal de Torrance) e a Escala Pilares de Resiliência. Tais dados apontam para a possível influência do tipo de medida na relação entre criatividade e resiliência, se fazendo necessários outros estudos, fazendo uso de outros instrumentos e modelos teóricos, para melhor aprofundamento dessa relação. Por enquanto, tais resultados se mostraram contraditórios e inconclusivos, de modo que não se pode afirmar, pelos estudos aqui conduzidos, dados seguros de como a associação entre os construtos investigados se mostra.

Salientamos que os estudos aqui apresentados apresentaram algumas limitações durante sua execução. A escolha do instrumento de resiliência foi feita com base na disponibilidade comercial nacional. Desse modo, ainda que o mesmo não seja considerado, por suas autoras, como medida de construto psicológico, o que se nota, na literatura científica, é que a resiliência vem sendo considerada, na maior parte dos modelos teóricos, por exemplo, como traços de personalidade. Recomendamos que outros estudos sejam realizados com estes instrumentos que avaliam a criatividade (Testes de Torrance e Estilos de Pensar e Criar) e outros modelos de resiliência, por meio da tradução e adaptação de instrumentais internacionais ou de outros nacionais que já encontrem evidências de validade para uso na população brasileira.

Sugerimos também a ampliação dos estudos com a utilização de outros testes de avaliação da criatividade, por exemplo o Teste Avaliação por Figuras de Torrance (Wechsler,

2004). As diferenças entre desempenho criativo figural e o desempenho criativo verbal poderiam gerar resultados diferentes no estudo da relação entre os pilares da resiliência e características criativas.

Lembramos que a amostra foi coletada em apenas uma cidade, sendo indicado que fossem coletados dados de outros estados da população brasileira. Notamos também a importância de se investigar essa relação em outras faixas etárias, como grupos de crianças e adolescentes (usando-se o Teste de Criatividade Figural Infantil), assim como a verificação da influência das variáveis idade, gênero e nível de escolaridade.

Perante a constatação de que importante número de estudos vem sendo conduzidos nas temáticas da criatividade e resiliência, separadamente, e que a relação entre eles ainda é pouco explorada, apesar de nos últimos anos ter-se feito notar um grande interesse por parte dos pesquisadores pela temática, na tentativa de articular ambos os conceitos em diversas áreas de atuação (Bender *et al*, 2015; Gomes & Nakano, 2017; Metzl, 2007, 2009; Metzl & Morrell, 2008; Oliveira & Nakano, 2011). A ampliação dos estudos pode ser de grande valia para a Psicologia ao permitir que as potencialidades, capacidades e recursos individuais que constituem tanto aspectos criativos quanto resilientes possam ser melhor explorados, de forma conjunta. Assim, tais mecanismos, considerados favoráveis ao desenvolvimento sadio do indivíduo, poderão ser melhor compreendidos e utilizados na superação de riscos e adversidades, bem como na elaboração de projetos e programas preventivos e remediativos visando-se um melhor desenvolvimento pessoal, profissional e social.

REFERÊNCIAS

- Acar, S., & Runco, M. A. (2014). Assessing associative distance among ideas elicited by tests of divergent thinking. *Creativity Research Journal*, 26, 229-238.
- Alayarian, Aida (Ed.) (2007). Trauma, resilience, and creativity. *Resilience, suffering and creativity: The work of the Refugee Therapy Centre* (pp. 1-13). London, England: Karnac Books.
- Alencar, E. N. L. S. & Fleith, D. S. (2010). Criatividade na educação superior: fatores inibidores. *Avaliação*, 15(2), 201-206.
- Alencar, E.M.L.S., Fleith, D.S. & Bruno-Faria, M.F. (2010). A medida da criatividade possibilidade e desafios. In E.M.L.S, Alencar, M.F. Bruno-Faria, & D.S. Fleith (Orgs.), *Medidas de Criatividade: teoria e prática* (pp. 11-34). Porto Alegre: Artmed.
- Almeida, L. S., Prieto, L. P., Ferrando, M., Oliveira, E., & Ferrandiz, C. (2008). Torrance Test of Creative Thinking: The question of its construct validity. *Thinking Skills and Creativity*, 3, 53–58.
- An, D. Song, Y & Carr, M. (2015). A comparison of two models of creativity: Divergent thinking and creative expert performance. *Personality and Individual Differences*, 90(1), 78–84.
- Antink-Meyer, A. & Lederman, N. G. (2015). Creative Cognition in Secondary Science: An exploration of divergent thinking in science among adolescents. *International Journal of Science Education*, 37(10), 1547–1563.
- Assis, S. G., Pesce, R. P. & Avanci, J, Q. (2006). *Resiliência: enfatizando a proteção dos adolescentes*. Porto Alegre: Artmed.
- Bandura, A. (1997). *Self-Efficacy: the exercise of control*. W. H. New York: Freeman & Company.

- Barlach, L. (2005). *O que é resiliência humana? Uma contribuição para a construção do conceito*. Dissertação de Mestrado Inédita. Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil.
- Barlach, L., Limongi-França, A. C. & Malvezzi, S. (2008). O Conceito de Resiliência Aplicado ao Trabalho nas Organizações. *Revista Interamericana de Psicología/Interamerican Journal of Psychology*, 42(1), 101-112
- Bastianello, M. R. & Hutz, C. S. (2015). Otimismo Explicativo ao Disposicional: a Perspectiva da Psicologia Positiva. *Psico-USF*, 20(2), 237-247.
- Bastianello, M. R., Pacico, J. C. & Hutz, C. S. (2014). Optimism, self-esteem and personality: adaptation and validation of the Brazilian Version Of The Revised Life Orientation Test (LOT-R). *Psico-USF*, 19(3), 523-531.
- Batey, M., & Furnham, A. (2008). The relationships between measures of creativity and schizotypy. *Personality and Individual Differences*, 46, 816-821.
- Batey, M., Chamorro-Premuzic, T., & Furnham, A. (2009). Intelligence and personality as predictors of divergent thinking: The role of general, fluid and crystallised intelligence. *Thinking Skills and Creativity*, 4(1), 60-69.
- Benard, B. (1997). Tapping resilience through the arts. In D. Magie and C. F. Miller (Eds.), *Art works! Prevention programs for youth and communities* (pp. 17–18). Rockville, MD: National Endowments of the Arts
- Bender, B., Metzl, E. S., Selman, T. & Moreno, N. (2015). Creative Soups for the Soul: Stories of Community Recovery in Talca, Chile, After the 2010 Earthquake. *Psyche*, 24(1), 1-13.
- Bickley-Green, C. & Phillips, P. (2003). Using the visual arts and play to solve problems and foster resiliency. *Art Education*, 56, 40-45.

- Bonanno, G. A., & Diminich, E. D. (2013). Annual research review: Positive adjustment to adversity—Trajectories of minimal-impact resilience and emergent resilience. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, *54*, 378–401.
- Bowlby, J. (1990). *Apego e Perda*. 2ª edição. São Paulo: Ed. Martins Fontes. Original Publicado em 1969.
- Brandão, J. M. (2009). *Resiliência: de que se trata?* (Dissertação de Mestrado). Departamento de Psicologia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFMG, Belo Horizonte.
- Brandão, J. M., Mahfoud, M., & Gianordoli-Nascimento, I. F. (2011). A construção do conceito de resiliência em psicologia: discutindo as origens. *Paidéia*, *21* (49), 263 – 271.
- Bronfenbrenner, U. (1981): Ecology of human development: experiments by nature and design, Cambridge, Massachussets, *Harvard University Press*.
- Calvetti, P. U., Muller, M. C. & Nunes, M. L. T. (2007). Psicologia da saúde e Psicologia positiva. *Psicologia Ciência e Profissão*, *27*(4), 706-717.
- Cardoso, T. & Martins, M. do C. F. (2013). *Escala Pilares de Resiliência (EPR)*. São Paulo, SP, Vetor.
- Carlomagno, L. L. L., Natividade, J. C., Oliveira, M. Z. & Hutz, C. S. (2014). Relações entre criatividade, esperança, otimismo e desempenho profissional. *Temas em Psicologia*, *22*(2), 497-508.
- Carvalho, V. D., Teodoro, M. L. M., & Borges, L. O. (2014). Escala de resiliência para adultos: aplicação entre servidores públicos. *Avaliação Psicológica*, *13*(2), 287 – 295.
- Cecconello, A. M. (2003). *Resiliência e vulnerabilidade em famílias em situação de risco*. Tese de doutorado, Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

- Charles, R.E., & Runco, M.A. (2001). Developmental trends in the evaluation and divergent thinking of children. *Creativity Research Journal*, 13, 417–437.
- Chilcote, R. L. (2007). Art therapy with child tsunami survivors in Sri Lanka. *Art Therapy: Journal of the American Art Therapy Association*, 24(4), 154–155.
- Cicchetti, D., & Curtis, W. J. (Eds.). (2007). A multilevel approach to resilience. *Development and Psychopathology*, 19, 627–955.
- Cohen, L., & Ambrose, D. (1999). Adaptation and creativity. In M. A. Runco & M. R. Pritzker (Eds.) *Encyclopedia of creativity*. New York: Academic Press.
- Cohen, R. J., Swerdlik, M. E., & Sturman, E. D. (2014). *Testagem e avaliação psicológica: introdução a testes e medidas*. 8. ed. Porto Alegre: Artmed.
- Coimbra, R. M. & Morais, N. A. (2015). *A Resiliência em Questão: Perspectivas Teóricas, Pesquisa e Intervenção*. Porto Alegre: Artmed.
- Collie, K., Backos, A., Malchiodi, C., & Spiegel, D. (2006). Art therapy for combat-related PTSD: Recommendations for research and practice. *Art Therapy: Journal of the American Art Therapy Association*, 23(4), 157–164.
- Connor, K. M. & Davidson, J. R. (2003). Development of a new resilience scale: the Connor-Davidson Resilience Scale (CD-RISC). *Depression and Anxiety Journal*, 18(2), 76-82.
- Costello, C. A. (2015). Developing Resiliency Practices in Master's Level Counseling Students through Creative Mindfulness Training: An Exploratory Study. *Dissertation Submitted to the Faculty of The Chicago School of Professional Psychology*, 1-205.
- Csikszentmihalyi, M. (2000). *Creativity*. New York: HarperCollins.
- David, A. P., Morais, M. F., Primi, R. & Miguel, F. K. (2014). Metáforas e pensamento divergente: criatividade, escolaridade e desempenho em Artes e Tecnologias. *Avaliação Psicológica*, 13(2), 147-156.

- De Caroli, M. E. & Sagone, E. (2014b). A Correlational Study on Dispositional Resilience, Psychological Well-being and Coping Strategies in University Students. *American Journal of Educational Research*, 2(7), 463-471.
- De Caroli, M. E. & Sagone, E. (2014a). Resilient Profile and Creative Personality in Middle and Late Adolescents: A Validation Study of the Italian-RASP. *American Journal of Applied Psychology*, 2(2), 53-58.
- De La Torre, S. (2008). *Criatividade aplicada: recursos para uma formação criativa*. São Paulo: Madras.
- Dell’Aglia, D., Koller, S. H. & Yunes, M. A. (2011). *Resiliência e Psicologia Positiva: Interfaces do Risco a Proteção*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Duarte, C. A. (2011) Intuição e Resiliência - uma combinação possível no trabalho com crianças no contexto de reabilitação. *Construção psicopedagógica*, 19(18), 25-37.
- Duckworth, A. L., Steen, T. A. & Seligman, M. E. P. (2005). Positive psychology in clinical practice. *Annual Review in Clinical Psychology*, 1, 629–651.
- El-Murad, J. & West, D.C. (2004). The definition and measurement of creativity: what do we know? *Journal of Advertising Research*, 44 (2), 188-201.
- Fantova, F. J. M. (2008). *Resiliència i voluntat de sentir em la promoció de la salut psicosocial em els docents: capacitat de reconstrucció positiva a partir d’un context inicial d’adversitat. Estudi de cas em um institut d’educació secundària*. Tese de doutorado, Facultat de Psicologia, Ciències de l’Educació i de l’Esport Blanquerna, Barcelona, Espanha.
- Feist, G. J. (2004). The Influence of Personality on Artistic and Scientific Creativity. In R. J. Sternberg (Ed.), *Handbook of Creativity* (pp. 273-296). Cambridge, UK: Cambridge University Press.

- Fiorentino, M. T. (2008). La construcción de la resiliencia en el mejoramiento de la calidad de vida y la salud. *Suma Psicológica*, 15(1), 95-114.
- Firestone, S. (2013). *Art as a Catalyst for Resilience in Women Artists Given a Medical Diagnosis*. Doctorial Thesis, Lesley University.
- Forgeard, M. J.C. (2013), Perceiving benefits after adversity: The relationship between self-reported posttraumatic growth and creativity, *Psychology of Aesthetics, Creativity, and the Arts*, 7 (3), 245-264.
- Friborg O., Hjemdal O., Rosenvinge J.H. & Martinussen M. (2003). A new rating scale for adult resilience: What are the central protective resources behind healthy adjustment? *International Journal of Methods in Psychiatric Research*, 12, 65-76.
- Germano, I. M. P. & Colaço, V. F. R. (2012). Abrindo caminho para o futuro: redes de apoio social e resiliência em autobiografias de jovens socioeconomicamente vulneráveis. *Estudos de Psicologia*, 17(3), 381-387.
- Glăveanu, V. P. (2013). Rewriting the language of creativity: the five A's framework. *Review of General Psychology*, 17(1), 69 – 81.
- Godoy, K. A. B., Joly, M. C. R. A., Piovezan, N. M., Dias, A. S., & Silva, D. V. (2010). Avaliação da resiliência em escolares do ensino médio. *Mudanças – Psicologia da Saúde*, 18 (1-2), 79 – 90.
- Godoy, S., Ottati, F., & Noronha, A. P. P. (2010) . Interesse profissional e estilo de pensar e criar em estudantes de psicologia. *Boletim de Psicologia* , 15, 1-17.
- Goff, K., & Torrance, P. (2002). *Abbreviated Torrance Test for Adults*. Bensenville, IL:
- Gomes, L. B. & Nakano, T. C. (2018) *Revisão Sistemática: Criatividade e Resiliência na Atualidade*. Manuscrito em preparação.
- Guilford, J. P. (1950). Creativity. *American Psychologist*, 5, 444–454.

- Gums, E. F. (2015) *Resiliência e criatividade em pessoas de destaque: um estudo comparativo*. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Puc-Campinas, Brasil.
- Hall, D. H. (2010). *Compendium of Selected Resilience and Related Measures for Children and Youth*. Reaching IN...Reaching OUT; Toronto: The Child & Family Partnership.
- Haller C. S. & Courvoisier D. S. (2010). Personality and thinking style in different creative domains. *Psychol. Aesthetics Creat. Arts*, 4(1), 149–160.
- Heise, D. (2014). Steeling and resilience. *Art Education*, 67(3), 24–30.
- Hernández, O. S., Méndez, F. X. & Garber, J. (2015) Divergent Explanatory Production (DEP): The Relationship between Resilience and Creativity. *Electronic Journal of Research in Educational Psychology*, 13(3), 551-568.
- Hughes, D. J., Furnham, A. & Batey, M. (2013). The structure and Personality predictors of self-rated creativity. *Thinking Skills and Creativity*, 9, 76-84.
- Hurtes, K. P. & Allen, L. R. (2001). Measuring resiliency in youth: the resiliency attitudes and skills profile. *Therapeutic Recreation Journal*, 35(4), 333-347.
- Infante, F. (2005). A resiliência como processo: uma revisão da literatura recente. In: A. Melillo., & E.N.S. Ojeda (Orgs.), *Resiliência – descobrindo as próprias fortalezas* (pp. 23 – 38). Porto Alegre: Artmed.
- Inzelberg, R. (2013). The awakening of artistic creativity and Parkinson's disease. *Behavioral Neuroscience*, 127(2), 256 – 261.
- Ivcevic, Z. & Mayer, J.D. (2007). Creative types and personality. *Imagination, cognition and personality*, 26(1-2), 65-86.
- Jovanovic, V., & Brdaric, D. (2012), Did curiosity kill the cat? Evidence from subjective well-being in adolescents, *Personality and Individual Differences*, 52, 380-384.

- Junqueira, M. F. P. S., & Deslandes, S. F. (2003). Resiliência e maus tratos à criança. *Cadernos de Saúde Pública*, 19(1), 227 – 235.
- Kasbelt, A., Beguetto, R.A., & Runco, M.A. (2010). Theories of creativity. In I.C. Kaufman & R.J. Sternberg (Eds.), *Handbook of Creativity* (pp. 20-47). Cambridge University Press. Cambridge.
- Kaufman, J.C. & Sternberg, R.J. (2007). Resource review: Creativity. *Change*, 39, 55 -58.
- Kirton, M.J. (1999). *Kirton Adaptation-Innovation Inventory Manual* (3rd. ed.). Berlhamsted, UK: Occupational Research Center
- Krentzman, A. R. (2013). Review of the application of positive psychology to substance use, addiction, and recovery research. *Psychology of Addictive Behaviors*, 27(1), 151-165.
- Kumar, U. (Org.) (2017). *The Routledge International Handbook of Psychosocial Resilience*, New York: Routledge.
- Lévano, A. C. (2005). Felicidad, resiliencia y optimism em estudantes de colégios nacionales de la ciudad de Lima. *Liberabit*, 15(2), 133-141.
- Libório, R. M. C., Castro, B. M. & Coelho, A. E. L. (2011). (2ª ed). Desafios Metodológicos para a pesquisa em resiliência: conceitos e reflexões críticas. Em: D.D. Dell’Aglío, S.H. Koller, & M.A.M. Yunes (Eds), *Resiliência e Psicologia Positiva: Interfaces do Risco à Proteção* (pp.89-111). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Lizarraga, M.L.S.A., Baquedano, M.T.S.A. & Closas, A.H. (2012). An explanatory model regarding the relationships between psychological traits and creativity. *Anales de Psicología*, 30(1), 355-363.
- Lopes, V. R., & Martins, M. C. F. (2011). Validação fatorial da Escala de Resiliência Connor-Davidson (Cd-Risc-10) para brasileiros. *Revista Psicologia: Organizações e Trabalho*, 11 (2), 36 – 50.

- López, M.P.S., & Casullo, M.M. (2000). Ensino e estilo individual de aprendizagem. Em M.P.S. López, & M.M. Casullo (Orgs.), *Estilos de personalidade: una perspectiva ibero-americana* (pp.11-15). Buenos Aires: Mino y Davila.
- Lubart, T. (2007). *Psicologia da Cratividade*. Porto Alegre, Artmed.
- Luthar S. S., & Zelazo L. B. (2003). Research on resilience: an integrative review. Em S. S. Luthar (Eds.), *Resilience and vulnerability: adaptation in the context of childhood adversities* (2a edição, pp. 510-549). New York: Cambridge University Press.
- Luthar, S. S. (2006). Resilience in development: A synthesis of research across five decades. Em D. Cicchetti & D. J. Cohen (Eds.), *Developmental psychopathology: Vol. 3. Risk, disorder, and adaptation* (2nd ed. pp. 739–795). Hoboken, NJ: Wiley
- Lynch, M., Sloane, G., Sinclair, C & Bassett, R. (2013). Resilience and art in chronic pain. *Journal of Arts and Health*, 5(1), 51-67.
- Masten, A. S. & Cicchetti, D. (2010). Developmental cascades. *Development and Psychopathology*, 22, 491-495.
- Masten, A. S. (2001). Ordinary magic: Resilience processes in development. *American Psychologist*, 56, 227–238.
- Masten, A. S. (2007). Resilience in developing systems: Progress and promise as the fourth wave rises. *Development and Psychopathology*, 19, 921-930.
- Masten, A. S. (2011). Resilience in children threatened by extreme adversity: Frameworks for research, practice, and translational synergy. *Development and Psychopathology*, 23, 141-154.
- Masten, A. S. (2014). Global Perspectives on Resilience in Children and Youth. *Child Development*, 85(1), 6-20.
- Melillo, A. (2005). Prefácio. In A. Melillo, E. N. S. Ojeda e cols. *Resiliência: Descobrimo as próprias fortalezas* (V. Campos, Trad., pp. 23-38). Porto Alegre: Artes Médicas.

- Melillo, A; Estamatti, M. & Cuestas, A. (2005). Alguns fundamentos psicológicos do conceito de resiliência. In A. Melillo & E. N. S. Ojeda (Orgs.), *Resiliência: descobrindo suas próprias fortalezas* (pp.59-72). Porto Alegre: Artmed.
- Meneely, J., & Portillo, M. (2005). The adaptable mind in design: Relating personality, cognitive style, and creative performance. *Creativity Research Journal*, 17, 155–166
- Menezes, M.; López, M. & Delvan, J. S. (2010). Psicoterapia de criança com alopecia areata universal: desenvolvendo a resiliência. *Paideia*, 20(46), 261-267.
- Metzl, E. S. & Morrell, M. A. (2008). The role of creativity in models of resilience: Theoretical exploration and practical applications. *Journal of Creativity in Mental Health*, 3(3), 303- 318.
- Metzl, E. S. (2007). Exploration of Creativity and Resiliency in Survivors of Hurricane Katrina *Florida State University Libraries*, 3- 245.
- Metzl, E. S. (2009). The role of creative thinking in resilience after hurricane Katrina. *Psychology of Aesthetics, Creativity, and the Arts*, 3(2), 112-123.
- Morelato, G., Carrada, M. & Ison, M. (2012). Creatividad gráfica y atención focalizada en niños víctimas de maltrato infantil. *Liberabit Revista de Psicología*, 19(1), 81-91.
- Mukherjee, S. & Kumar, U. (2017). Psychological Resilience: A Conceptual Review of Theory and Research. Em U. Kumar (Org.), *The Routledge International Handbook of Psychosocial Resilience* (pp. 66-86). New York: Routledge.
- Nakano, T.C. (2003). *Criatividade figural: Uma proposta de instrumento de avaliação*. Dissertação de Mestrado, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, SP, Brasil
- Nakano, T. C. (2010) Estilos de Pensar e Criar em Estudantes de Psicologia: Diferenças Regionais. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 10(3), 682-699.

- Nakano, T. C. (2012). Criatividade e inteligência em crianças: habilidades relacionadas?. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 28(2), 149-160.
- Nakano, T. C., Santos, E.; Zavarize, S. F.; Wechsler, S. M. & Martins, E. (2010) Estilos de pensar e criar em universitários das áreas de humanas e sociais aplicadas: diferenças por gênero e curso. *Psicologia: Teoria e Prática*, 12(3), 120-134.
- Nakano, T. C., Wechsler, S. M. & Primi, R. (2011). *Teste de Criatividade Figural Infantil: Manual técnico*. São Paulo: Editora Vetor.
- Nakano, T. C., Wechsler, S. M., Campos, C. R., & Milian, Q. G. (2015). Intelligence and Creativity: Relationships and their Implications for Positive Psychology. *Psico-USF*, 20(2), 195-206.
- Nakano, T. C.; Zaia, P. & Oliveira, K. S. (2016). Estudo correlacional: criatividade verbal e personalidade segundo Modelo dos Cinco Grandes Fatores em estudantes brasileiros. *Revista de Psicología*, 34(1).
- Nakano, T.C. & Primi, R. (2012). A estrutura fatorial do teste de criatividade figural infantil. *Psicologia: Teoria e Prática*, 28(3), 275-283.
- Nakano, T.C. & Wechsler, S.M. (2006). Teste Brasileiro de Criatividade Figural: Proposta de instrumento. *Revista Interamericana de Psicologia*, 40(1), 103-110.
- Nakano, T.C. & Wechsler, S.M. (2012). Criatividade: Definições, modelos e formas de avaliação. In C.S.Hutz (Org.), *Avanços em Avaliação Psicológica e Neuropsicológica de Crianças e Adolescentes II* (pp. 328-361). São Paulo. Casa do Psicólogo.
- Nakano, T.C., Campos, C.R., Silva, T.F. & Pereira, E.K.G. (2011). Estilos de pensar e criar no contexto organizacional: diferenças de acordo com o cargo profissional? *Estudos Interdisciplinares em Psicologia*, 2(2), 171-193.
- Narvaz, M. & Koller, S.H. (2004). Famílias, violências e gêneros: desvelando as tramas da transmissão transgeracional da violência de gênero. Em M.N. Strey, M.P.R. Azambuja,

& F.P. Jaeger (Eds.), *Violência, gênero e políticas públicas* (pp.149-176). Porto Alegre: EDIPUCRS.

Nogueira, S. I., Almeida, L. S., Garces, S., Pocinho, M., & Wechsler, S. M. (2015). The style TROIKA model (STM). *The Journal of Creative Behavior*, 0, 1-19.

Nunes, C. H. S. S., & Primi, R (2010). Aspectos técnicos e conceituais da ficha de avaliação dos testes psicológicos. Em Conselho Federal de Psicologia - CFP (Org.), *Avaliação psicológica: diretrizes na regulamentação da profissão* (pp. 101-128). Brasília: CFP.

Nusbaum, E.C., & Silvia, P. (2011). Are intelligence and creativity really so different?: Fluid intelligence, executive processes, and strategy use in divergent thinking. *Intelligence*, 39, 36–45.

Ojeda, E. N. S. (2004). Introducción: resiliencia e subjetividad. Em A. Melillo, E. N. S. Ojeda, & D. Rodríguez (Orgs.), *Resiliencia e subjetividad: los ciclos de la vida* (pp. 17-20). Buenos Aires: Paidós.

Oliveira, K. S., Nakano, T. C., & Wechsler, S. M. (2016). Criatividade e Saúde Mental: Uma Revisão da Produção Científica na Última Década. *Temas em Psicologia* 24(4), 1493-1506.

Oliveira, M. A., & Nakano, T. C. (2011). Revisão de pesquisas sobre criatividade e resiliência. *Temas em Psicologia*, 19(2), 467-479.

Oliveira, M. A., & Nakano, T. C. (2014). Criatividade e resiliência na vida de Nise da Silveira. *Psicologia Clínica e Psicanálise*, 14(2), 497-523.

Oliveira, M. A., Reis, V. L., Zanelato, L. S., & Neme, C. M. B. (2008). Resiliência: Análise das Publicações no Período de 2000 a 2006. *Psicologia Ciência e Profissão*, 28(4), 754-767.

- Paludo, S., & Koller, S. H. (2011). Psicologia positiva, emoções e resiliência. Em D. D. Dell’Aglío, S. H. Koller & M. A. M. Yunes (Orgs.), *Resiliência e psicologia positiva: interfaces do risco a proteção* (pp. 69 – 86). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Pereira, M., Cardoso, M. Alves, S., Narciso, I., & Canavarro, M. C. (2013). *Estudos preliminares das características psicométricas da Escala de Resiliência para Adultos (ERA)*. Coimbra: Associação Portuguesa de Psicologia. Retirado de: <http://hdl.handle.net/10316/23602>
- Pesce, R. P., Assis, S. G., Santos, N., & Oliveira, R. V. C., (2004). Risco e proteção: em busca de um equilíbrio promotor de resiliência. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 20 (2), 135-143.
- Piaccentini, N. (2004). *Construção e Estudos Iniciais De Validação De Uma Medida De Resiliência*. Tese de Mestrado – Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis.
- Pinheiro, D. P. N. (2004). A Resiliência em Discussão. *Psicologia em Estudo*, 9(1), 67-75.
- Pires, J. G., Nunes, M. F. O. & Nunes, C. H. S. S. (2015). Instrumentos Baseados em Psicologia Positiva no Brasil: uma Revisão Sistemática. *Psico-USF*, 20(2), 287-295.
- Pizzo, B. (2015). Problematizing resilience: Implications for planning theory and practice. *Cities*, 43 (1), 133 – 140.
- Poletto, M. & Koller, S. H. (2011). (2ª ed). Resiliência: uma perspectiva conceitual e histórica. Em D. D. Dell’Aglío, S. H. Koller, & M. A. M. Yunes (Orgs.), *Resiliência e psicologia positiva: interfaces do risco a proteção* (pp. 19 – 44). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Poletto, R. C., & Koller, S. H. (2008). Contextos Ecológicos Promotores de Resiliência. *Estudos de Psicologia*, 25(3), 405-416.

- Prescott, M. V., Sekendur, B., Bailey, B. & Hoshiro, J. (2008). Art Making as a Component and Facilitator of Resiliency With Homeless Youth. *Art Therapy: Journal of the American Art Therapy Association*, 25(4), 156-163
- Prince-Embury, S. (2013). Translating resilience theory for assessment and application with children, adolescents, and adults: conceptual issues. Em S. Prince-Embury, & D. H. Saklofske (Orgs.), *Resilience in Children, Adolescents, and Adults: Translating Research into Practice* (pp. 9 – 16). New York: Springer.
- Puccio, G. J., Murdock, M. C., & Mance, M. (2007). *Creative leadership: Skills that drive change*. Thousands Oak, CA: Sage
- Reppold, C. T., Mayer, J. C. & Almeida, L. S. & Hutz, C. S. (2012). Avaliação da Resiliência: Controvérsia em Torno do Uso Das Escalas. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 25 (2), 248-255.
- Resilience. (2011). *Merriam-Webster's Collegiate Dictionary*. Retirado de: <https://www.merriam-webster.com/dictionary/resilience>
- Richardson, G. (2002). The metatheory of resilience and resiliency. *Journal of Clinical Psychology*, 58(3), 307-321.
- Richardson, G. (2017). The applied metatheory of resilience and resiliency. In U. Kumar (org.); *The Routledge International Handbook of Psychosocial Resilience*, (pp. 293-316), New York: Routledge.
- Rodriguez, J. J. C.; Hórtua, Q. Y. P.; & Chibuque, G. P. G. (2007). Comprensiones em torno a la resiliência desde la política pública y textos de algunas organizaciones no gubernamentales com sede em Bogotá que trabajan com famílias em situación de vulnerabilidade. *Diversitas*, 3(2), 335-348.
- Rogge, J., & Lourenço, M. (2015). A resiliência humana no ambiente acadêmico de cursos stricto sensu. *Revista de Administração IMED*, 5(3), 291-301

- Runco, M. A., & Acar, S. (2012). Divergent Thinking as an Indicator of Creative Potential. *Creativity Research Journal*, 24(1), 66–75.
- Runco, M. A. & Jaeger, G. J. (2012): The Standard Definition of Creativity. *Creativity Research Journal*, 24(1), 92-96.
- Runco, M. A. (2010). Divergent thinking, creativity, and ideation. Em J.C. Kaufman, & R.J. Sternberg (Eds.), *The Cambridge Handbook of Creativity* (pp. 413–446). New York, NY: Cambridge University Press.
- Runco, M.A., Abdulla, A. M., Paek, S. H., Al-Jasim, F. A. & Alsuwaidi, H. N. (2016). Which Test of Divergent Thinking Is Best? *Creativity*, 3(1), 220.
- Rutter, M. (2006). The Promotion of Resilience in the Face of Adversity. Em A. Clarke-Stewart, & J. Dunn (Eds.), *Families count: Effects on child and adolescent development* (pp. 26-52). New York: Cambridge University Press.
- Rutter, M. (2012). Resilience as a dynamic concept. *Development and Psychopathology*, 24 (1), 335 – 344.
- Sakamoto, C. L. (2012). Criatividade e a construção da realidade contemporânea. *Revista Trama Interdisciplinar*, 3(1), 86-96.
- Sampaio, C. A. & Laranjeira, J. (2007). Do Vulnerável Ser ao Resiliente Envelhecer: Revisão de Literatura. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 23(3), 327-332
- Santos, L. L.& Dell’Aglío, D. D. (2006). A constituição de moradas nas ruas como processo de resiliência em adolescentes. Em D. D. D. Aglio, S. H. Koller, & M. A. M. Yunes (Orgs.), *Resiliência e Psicologia Positiva: Interfaces do Risco à Proteção* (pp.203-231). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Sapienza, G., & Pedromônico, M. R. M. (2005). Risco, proteção e resiliência no desenvolvimento da criança e do adolescente. *Psicologia em Estudo*, 10 (2), 209 – 216.

- Scorsolini-Comin, F. & Santos, M. A. (2010). Psicologia Positiva e os instrumentos de avaliação no contexto brasileiro. *Psicologia Reflexão e Crítica*, 23(3), 440-448.
- Seligman, M. E. P. (2004). *Felicidade Autêntica: Usando a nova psicologia positiva para a realização permanente*. Rio de Janeiro: Objetiva.
- Seligman, M. E. P. (2011). *Florescer - uma nova e visionária interpretação da felicidade e do bem-estar*. Rio de Janeiro: Objetiva.
- Seligman, M., & Csikszentmihalyi, M. (2000). Positive psychology: an introduction. *American Psychologist*, 55 (1), 5 – 14.
- Silveira, D. R., & Mahfoud, M. (2006) Contribuições de Viktor Emil Frankl ao conceito de resiliência. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 25(4) 567-576.
- Silvia, P. J., Wigert, B., Reiter-Palmon, R. & Kaufman, J.C. (2012). Assessing creativity with self-report scales: a review and empirical evaluation. *Psychology of Aesthetics, Creativity, and the Arts*, 6(1) 19-34.
- Sinclair, V. G. & Wallston, K. A. (2004). The development and psychometric evaluation of the Bried Resilient Coping Scale. *Assessment*, 11(1), 94-101.
- Siqueira & Wechsler, (2009) Motivação para a aprendizagem escolar e Estilos Criativos. *Educação Temática Digital*, 10, 124-146.
- Smith B.W., Dalen J., Wiggins K., Tooley E., Christopher P. & Bernard J. (2008). The brief resilience scale: assessing the ability to bounce back. *International Journal of Behavioural Medicine*, 15, 194-200.
- Sternberg, R. J. (2006) The Nature of Creativity, *Creativity Research Journal*, 18(1), 87-98.
- Stersi, F. & Hernández, F. (2011). Alternativas de atuação na educação: um caminho para a criatividade. In S. M. Wechsler & V. L. T. Souza (Orgs.), *Criatividade e*

- aprendizagem: Caminhos e descobertas em perspectiva internacional* (pp. 73-101).
São Paulo: Edições Loyola.
- Tagle, V. M. S. (1996). Resiliencia o la capacidad de supercar la adversidad. *Pediatría Dia*, 12(2), 90-94.
- Torrance, E.P. (1974). *The Torrance Tests of Creative Thinking—Norms-technical manual research edition—Verbal tests, forms A and B—Figural tests, forms A and B*. Princeton, NJ: Personnel Press.
- Trombeta, L. H. A. P. & Guzzo, R. S. L. (2002). *Enfrentando o cotidiano adverso: estudo sobre resiliência em adolescentes*. Campinas: Alínea.
- Trombeta, L. H. A. P. (2000) *Resiliência em Adolescentes: Estudo Preliminar de variáveis e medida*. Tese (Doutorado). Campinas: Instituto de Psicologia e Fonoaudiologia da Pontífica Universidade Católica de Campinas.
- Ungar, M. (2012). *The social ecology of resilience: A handbook of theory and practice*. New York, NY: Springer.
- Wagnald, G. M., & Young, H. M. (1993). Development and psychometric evaluation of the resilience scale. *Journal of Nursing Measurement*, 1(0), 165-178.
- Wechsler, S.M. (2004a). *Avaliação da criatividade por palavras* (2ª ed.). Campinas: LAMP/PUC-Campinas.
- Wechsler, S.M. (2004b). *Avaliação da criatividade por figuras*. (2ª ed.). Campinas: LAMP/PUC-Campinas.
- Wechsler, S.M. (2006). *Estilos de pensar e criar*. Campinas: LAMP/PUC-Campinas.
- Wechsler, S.M. (2008). *Criatividade: descobrindo e encorajando*. (3ª edição). Campinas: LAMP/PUC-Campinas.
- Wechsler, S. M. (2009). Age and gender impact on thinking and creating styles. *European Journal of Education and Psychology*, 2(1), 37 – 48.

- Wechsler, S. M. (2010). Validity of the Torrance Tests of Creative Thinking to the Brazilian Culture. *Creativity Research Journal* 18(1), 15-25.
- Wechsler, S. M. & Byrne, B. M. (2017). Extended Validation Study of the Thinking and Creative Style Scale: Development of a Shorter Version. *Psicologia: Teoria e Pesquisa* 32(4), 1-9.
- Wechsler, S. M., & Souza, V. L. T. (2011). *Criatividade e aprendizagem*. São Paulo. Edições Loyola
- Wechsler, S. M., Vendramini, C. M. M., & Oakland, T. (2012). Thinking and Creative Styles: A Validity Study. *Creativity Research Journal*, 24(2), 235-242.
- Windle, G., Bennett, K.M., & Noyes, J. (2011). A Methodological review of resilience measurement scales. *Health Quality Life Outcomes*, 9(8).
- Wolin S. J., & Wolin, S. (1993). *The Resilient Self. How Survivors of Troubled Families Overcome Adversity*. New York: Villard Books.
- Wolin, S. J., & Wolin, S. (1995). Resilience Among Youth Growing up in substance-abusing Families. *Pediatric Clinics of North America*, 42(2), 415-429.
- Ximendes, E. (2010). *As bases neurocientíficas da criatividade: o contributo da neurociência no estudo do comportamento criativo*. (Dissertação de Mestrado) Retirado de <http://repositorio.ul.pt/handle/10451/7285>.
- Yunes, M. A. M. (2011). Psicologia positiva e resiliência: foco no indivíduo e na família. Em D. D. Dell'Aglio, S. H. Koller, & M. A. M. Yunes (Orgs.), *Resiliência e psicologia positiva: interfaces do risco a proteção* (pp. 45 – 68). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Yunes, M. A. M., & Szymanski, H. (2001). Resiliência: Noção, conceitos afins e considerações críticas. In J. Tavares (Ed.), *Resiliência e Educação* (pp. 13-42). São Paulo, SP: Cortez.

ANEXOS

Anexo 1. Carta de autorização da instituição para realização de pesquisa em escolas

Prezado(a) Senhor(a) Diretor(a),

Estou realizando uma pesquisa de mestrado, desenvolvida no programa de pós-graduação em Psicologia da PUC-Campinas, sob orientação da Profa. Dra. Tatiana de Cassia Nakano, que tem, como objetivo, verificar a relação entre resiliência e criatividade em adultos. A pesquisa pressupõe a participação de indivíduos a partir de 18 anos, de ambos os sexos, que concordem em participar por meio da assinatura de um termo de consentimento livre e esclarecido. Para isso estou solicitando sua autorização, para que tal pesquisa possa ser conduzida no estabelecimento sob sua responsabilidade.

A participação envolve que os participantes respondam a dois instrumentos, um para avaliação da resiliência e outro para avaliação da criatividade, os quais serão aplicados de forma coletiva em sala de aula ou espaço que for mais conveniente para a instituição, com duração aproximada de 45 minutos. Deve-se ressaltar que não existem riscos psicológicos previstos no processo de resposta, todavia, caso o participante experimente cansaço, ou qualquer outro desconforto durante a sua participação, a pesquisadora, que também é psicóloga estará à disposição para oferecer o acolhimento psicológico sem custo ao participante, bem como fará o encaminhamento para atendimento especializado, caso seja necessário. Ressalta-se também que não existe nenhum tipo de ônus financeiro ou ressarcimento pela participação dos alunos na pesquisa. Do mesmo modo,

Este estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da PUC-Campinas. Se você tiver dúvidas referentes a pesquisa, poderá entrar em contato para esclarecê-las com a mestranda Luísa Bastos Gomes, pelo telefone (19) 3241-5673. Questões de ordem ética poderão ser consultadas junto ao Comitê de Ética através do número (19) 3343-6777, e/ou email: comitedeetica@puc-campinas.edu.br, endereço Rod. Dom Pedro I, Km 136, Pq. das Universidades, Campinas-SP, CEP 13086-900, horário de funcionamento de segunda a sexta-feira das 08h00 às 17h00.

Asseguramos que os dados da escola bem como dados de identificação dos participantes serão mantidos em sigilo, estando disponíveis apenas para os pesquisadores envolvidos, podendo haver a publicação dos resultados, garantindo-se, no entanto, o anonimato.

Esperamos contar com sua colaboração. Caso concorde que a escola sob sua responsabilidade participe pesquisa aqui apresentada, peço que assine e carimbe essa carta de autorização, devolvendo-a à pesquisadora.

Agradecemos desde já a sua colaboração e nos colocamos à disposição para quaisquer esclarecimentos que se fizerem necessários.

Luísa Bastos Gomes

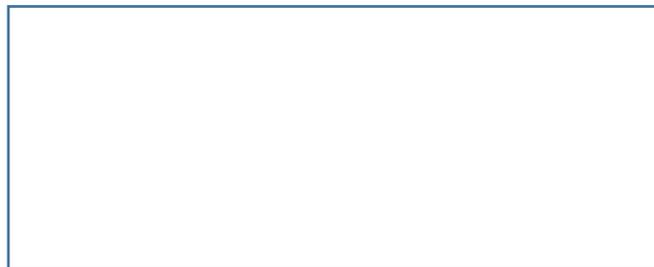
Mestranda em Psicologia pela PUC-Campinas

Orientadora: Profª Drª Tatiana de Cássia Nakano

Eu, _____, na função de
_____ da escola
_____, autorizo a execução da pesquisa
citada, no estabelecimento de ensino que coordeno, após ter sido esclarecido(a) sobre os
objetivos da mesma.

Data ____/____/201__

Assinatura: _____



Carimbo da escola

Anexo 2. Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Prezado(a) Participante,

Você está sendo convidado a participar de um estudo com a finalidade de verificar a relação entre resiliência e criatividade em adultos. Trata-se de uma pesquisa de mestrado, desenvolvida no programa de pós-graduação em Psicologia da PUC-Campinas, sob orientação da Profa. Dra. Tatiana de Cassia Nakano.

A pesquisa pressupõe a participação de indivíduos a partir de 18 anos, de ambos os sexos, que concordem em participar por meio da assinatura de um termo de consentimento livre e esclarecido. Para isso estou solicitando sua autorização, para que tal pesquisa possa ser conduzida no estabelecimento sob sua responsabilidade.

A participação envolve que os participantes respondam a dois instrumentos, um para avaliação da resiliência e outro para avaliação da criatividade, os quais serão aplicados de forma coletiva em sala de aula ou espaço que for mais conveniente para a instituição, com duração aproximada de 45 minutos. Deve-se ressaltar que não existem riscos psicológicos previstos no processo de resposta, todavia, caso o participante experimente cansaço, ou qualquer outro desconforto durante a sua participação, a pesquisadora, que também é psicóloga estará à disposição para oferecer o acolhimento psicológico sem custo ao participante, bem como fará o encaminhamento para atendimento especializado, caso seja necessário. Ressalta-se também que não existe nenhum tipo de custo financeiro ou pagamento pela participação dos alunos na pesquisa.

Sua participação é voluntária e poderá ser retirada a qualquer momento, caso deseje, mesmo que a pesquisa já tenha sido iniciada, sem que isso traga qualquer prejuízo ou penalização.

Este estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da PUC-Campinas. Se você tiver dúvidas referentes a pesquisa, poderá entrar em contato para esclarecê-las com a mestrandia Luísa Bastos Gomes, pelo telefone (19) 3241-5673. Questões de ordem ética poderão ser consultadas junto ao Comitê de Ética através do número (19) 3343-6777, e/ou email: comitedeetica@puc-campinas.edu.br, endereço Rod. Dom Pedro I, Km 136, Pq. das Universidades, Campinas-SP, CEP 13086-900, horário de funcionamento de segunda a sexta-feira das 08h00 às 17h00.

Asseguramos que os dados da escola bem como dados de identificação dos participantes serão mantidos em sigilo, estando disponíveis apenas para os pesquisadores envolvidos, podendo haver a publicação dos resultados, garantindo-se, no entanto, o anonimato.

Salientamos ainda que o material será guardado pelo período de 5 anos, sendo, posteriormente, destruído.

Caso concorde participar da pesquisa aqui apresentada, peço que assine a ficha abaixo elaborada em duas vias iguais, guarde uma com você e devolva a outra para a pesquisadora. Agradecemos desde já a sua colaboração e nos colocamos à disposição para quaisquer esclarecimentos que se fizerem necessários.

Luísa Bastos Gomes
Mestranda em Psicologia pela PUC-Campinas
Orientadora: Profª Drª Tatiana de Cássia Nakano
luisagomes14@gmail.com

Eu, _____, declaro estar ciente da pesquisa a ser realizada e concordo em participar da mesma.

Nome do Participante: _____

Data: ____/____/201____,

Assinatura

Anexo 3. Parecer do Comitê de Ética em Pesquisa



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: CRIATIVIDADE E RESILIÊNCIA: RELAÇÕES ENTRE CONSTRUTOS

Pesquisador: Luisa Bastos Gomes

Área Temática:

Versão: 4

CAAE: 78563817.6.0000.5481

Instituição Proponente: Pontifícia Universidade Católica de Campinas - PUC/ CAMPINAS

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 2.434.124

Apresentação do Projeto:

Considerando a criatividade e a resiliência como importantes características pessoais relatadas na literatura científica, serão realizados três estudos psicométricos, 1- busca por evidências de validade de critério externo do tipo convergente, utilizando a Escala Pilares da Resiliência (Cardozo, 2014) e a Escala Estilos de Pensar e Criar (Wechsler, 2003) em uma amostra de 150 sujeitos; 2- Investigação de evidências de validade baseadas em variáveis externas do Instrumento, do tipo convergente, utilizando novamente a Escala Pilares de Resiliência (Cardozo, 2014) com o Instrumento Pensando Criativamente com Palavras – Testes de Torrance (Wechsler, 2006), com o teste em questão em uma amostra de 150 sujeitos; 3- busca a comparação de grupos considerando as variáveis Sexo, Idade, Escolaridade. Tais estudos visam preencher lacunas sobre as temáticas que ainda se encontram presentes e merecem ser investigadas em novos estudos.

Objetivo da Pesquisa:

Realizar estudos que enfoquem na relação entre criatividade e resiliência a partir da aplicação de Instrumentos em adultos a partir dos 18 anos. Verificar como criatividade e resiliência se relacionam, quando tais construtos são considerados dentro de modelos multidimensionais, investigando ainda a influência de variáveis externas em ambos os construtos.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

O projeto prevê a ocorrência de risco mínimo, como fadiga na execução da atividade ou dúvidas. A

Endereço: Rua Professor Doutor Eurycides de Jesus Zerbini, 1.518
Bairro: Parque das Universidades CEP: 13.087-571
UF: SP Município: CAMPINAS
Telefone: (19)3343-6777 Fax: (19)3343-6777 E-mail: comitedeetica@puc-campinas.edu.br

Continuação do Parecer: 2-434.124

pesquisadora se compromete a fornecer atendimento sob a forma de plantão psicológico aos participantes, bem como realizar seu encaminhamento a algum serviço.

Como benefício, a pesquisadora prevê uma devolutiva individual aos participantes que desejarem e uma palestra, oferecida pela pesquisadora, acerca da importância dos construtos e formas de desenvolvê-los.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

O Projeto de pesquisa é claro quanto aos objetivos e adequado ao tema.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

A folha de rosto está devidamente preenchida, assinada e carimbada.

O TCLE está adequado, em formato de convite, com linguagem clara e consta de todas as informações necessárias ao participante - contato do pesquisador, contato do comitê de ética, tempo de realização da pesquisa, risco e alternativa minimização de desconforto. Os instrumentos que serão aplicados não estão anexados por possuírem normas de copyright de suas respectivas editoras, mas estão devidamente explicados. Autorização de uma instituição onde a pesquisa será realizada foi apresentada.

Recomendações:

Não há.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

A única carta de autorização apresentada para a realização da pesquisa é da Faculdade de Psicologia da PUC-Campinas (documento <AutorizacaoInstituicaoLuisa.pdf> de 27/11/2017). Portanto, o projeto está aprovado para ser realizado APENAS nessa instituição (Faculdade de Psicologia da PUC-Campinas), não "em instituições (escolas, universidades, empresas) que autorizem e concordem em participar desta pesquisa.", uma vez que essas autorizações não foram devidamente apresentadas a este comitê.

Considerações Finais a critério do CEP:

Dessa forma, e considerando a Resolução CNS nº. 466/12, Norma Operacional 001/13 e outras Resoluções vigentes, e, ainda que a documentação apresentada atende ao solicitado, emitiu-se o parecer para o presente projeto: **Aprovado**. Conforme a Resolução CNS nº. 466/12, Norma Operacional 001/13 e outras Resoluções vigentes, é atribuição do CEP "acompanhar o desenvolvimento dos projetos, por meio de relatórios semestrais dos pesquisadores e de outras estratégias de monitoramento, de acordo com o risco inerente à pesquisa". Por isso o/a pesquisador/a responsável deverá encaminhar para o CEP PUC-Campinas os Relatórios Parciais a



Continuação do Parecer: 2.434.124

cada seis meses e o Relatório Final de seu projeto, até 30 dias após o seu término.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_987113.pdf	12/12/2017 16:55:30		Acelto
Cronograma	CRONOGRAMA2.pdf	12/12/2017 16:54:40	Luisa Bastos Gomes	Acelto
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	ProjetoLuisaBastosGomes.docx	27/11/2017 11:38:39	Luisa Bastos Gomes	Acelto
Outros	AutorizacaoInstituicaoLuisa.pdf	27/11/2017 11:37:46	Luisa Bastos Gomes	Acelto
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.docx	22/09/2017 13:54:32	Luisa Bastos Gomes	Acelto
Folha de Rosto	PlataformaBrasil.pdf	22/09/2017 13:50:50	Luisa Bastos Gomes	Acelto

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

CAMPINAS, 13 de Dezembro de 2017

Assinado por:
Alberto Benevenuto Drumond Frazão
(Coordenador)